



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

THAYNA THAYSA PROENÇA SANTOS

**#CASALIBRAS: ASPECTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO DE LIBRAS PARA
LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE ORAL PARA CRIANÇAS OUVINTES**

SÃO CARLOS – SP

2022

THAYNA THAYSA PROENÇA SANTOS

**#CASALIBRAS: ASPECTOS TECNICOS DE TRADUÇÃO DE LIBRAS PARA
LÍNGUA PORTUGUESA NA MODALIDADE ORAL PARA CRIANÇAS OUVINTES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, para obtenção do título de Bacharela em Tradução e Interpretação em Libras / Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins.

SÃO CARLOS – SP

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Bacharelado em Tradução e Interpretação em
Língua Brasileira de Sinais – Libras / Língua Portuguesa

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso da candidata Thayna Thaysa Proença Santos, realizada em

Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins – Orientadora
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dra. Mariana Isaac Campos
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Prof. Dr. Cássio Florêncio Rubio
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Profa. Dra. Sueli Fioramonte Trevisan
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

Aos meus pais, Geralda e Nivaldo, junto a minha irmã Thuanny, pelo amor e carinho dedicado, pelos ensinamentos, por estar sempre ao meu lado e nunca me fazer desistir dos estudos. Minha base e exemplo de vida! Dedico este trabalho a vocês!

AGRADECIMENTOS

Nesta página quero demonstrar gratidão e carinho por todos que estiveram ao meu lado nesse momento de escrita tão árduo e pesada! Tarefa cumprida *check in*.

À minha orientadora, Vanessa Martins, pelo carinho, dedicação e disposição em estar me auxiliando na melhor forma de escrita; uso e as escolhas em textos junto as referências que foram muito validas. Por pensar sempre em grupo e ressaltar, que, uma conquista nunca será única, e sim de todos; por me acolher no programa e fazer tirar forças para realizá-lo. Meu muito obrigada! Isso eu irei levar para vida como exemplo de mulher!

Aos meus pais pelo “pai acredita em você!” ou “filha, a mãe sabe como você é capaz”, e a cada despedida diária, algumas de doer o peito de saudade, mas era para um objetivo “só para os fortes” frequentar a universidade pública, algo sonhado por nós. E que sem vocês não teria acontecido nada. Eternamente minha base.

Ao meu namorado, Fernando, pelo apoio incondicional a cada fase da minha vida acadêmica, onde comecei sozinha e hoje cresci muito com seu amparo, nos puxões de orelha de forma romântica e carinhosa “Amor! Thayna ...TCC...Thayna...TCC”, pelos vários momentos de trocas de experiências, parceria diárias, amizade e amor, obrigada por fazer as coisas ficarem mais leves na vida.

À minha irmã, Thuanny, pelos momentos de lazeres e viagem, por me fazer uma pessoa mais focada e nunca esquece que independente das minhas escolhas “entrega pra Deus, que vai dar certo!”, você é quem me faz constantemente renovar minha fé.

À minha amiga de curso Samara, por me aturar todos os dias de manhãs nas aulas e sempre se lembrar de fazer-me cuidar melhor da minha saúde durante as refeições e nunca se esquecer de pesquisar os sinais nas aulas. Em especial, minhas amigades de décadas Juliana e Fernanda, que sempre foram às amigas do “bora” que me acolheu em todas a escolhas e me passava tranquilidade em me abrir e ser mais leve.

Aos animais Bender, Theo, Chloe, Lily, que fizeram-me obter o estado de espirito vivo nesta caminhada e ceder de seus amores para trazer aconchego no coração.

Aos intérpretes, alunos e crianças que se se dispuseram do seu tempo para a realização da minha pesquisa, que foram de grande importância e para um futuro próximo possa colher frutos desde dados.

“Não estamos no mesmo barco, estamos na mesma tempestade”. Uns de iate, outros a nado” Padre Júlio Lancellotti.

RESUMO

A acessibilidade é um desafio imenso a ser conquistado quando idealizado uma sociedade inclusiva e com equidade de práticas sociais. Ao falarmos em acesso às informações ao público infantil surdo, esse desafio fica mais evidente. As produções em língua de sinais aumentaram nos últimos anos, mas ainda carece de análises de seu uso, tanto para crianças surdas, quanto para crianças ouvintes, as quais também devem ter acesso a interações em Libras, para o favorecimento de uma sociedade inclusiva. Como produção a essa finalidade, essa pesquisa objetivou compreender como se dá à interação e recepção de materiais em Libras pelo público infantil ouvinte. O presente trabalho foi desenvolvido em atendimento à exigência para finalização do curso de bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Portanto, a pesquisa refletiu sobre os desafios e as ações desenvolvidas por tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/ Língua Portuguesa (LP) na promoção de acessibilidade linguística, na modalidade oral da língua portuguesa, às crianças ouvintes (filhas de surdos, com irmãos surdos e estudantes em escolas bilíngues Libras/LP) em uma atividade de extensão nomeada por #CasaLibras. Considerando a necessidade de avaliação dos caminhos dessa acessibilidade e a ação de TILSP com a acessibilidade ao público infantil ouvinte. A pesquisa se refere a um estudo qualitativo, com intuito de abordar a inclusão ou a falta dela, nos meios midiáticos, utilizando como dados metodológicos o projeto de extensão social mencionado #CasaLibras. Trata-se de um estudo de caso sobre a tradução na modalidade oral da língua portuguesa, em contexto que levanta os meios de comunicação infantis, os desafios profissionais desta atividade e a recepção dos materiais por este público. Os dados foram analisados com base nos autores dos Estudos Surdos. Os resultados poderão contribuir com novos conhecimentos sobre essas atividades e reflexões potentes para a formação de TILSP, área ainda muito nova no Brasil.

Palavra- chaves: #CasaLibras, Acessibilidade, Meios midiáticos, TILS

ABSTRACT

Accessibility is an immense challenge to be faced when idealizing an inclusive society in which social equity is observed. Such challenge becomes more evident when it comes to access to information for deaf children. Audiovisual content accessible to hearing-impaired children has increased in recent years, yet analyses of the use of such material remain limited, both for deaf children and also hearing children, who must also be able to communicate in Brazilian Sign Language (LIBRAS), in order to participate in an inclusive society. This research project aims to understand how interaction and reception of audiovisual material in LIBRAS by the hearing child audience occurs. The present work was developed as part of the requirements for the obtention of a bachelor's degree in Translation and Interpretation in Libras and Portuguese Language (TILSP) from the Federal University of São Carlos (UFSCar). The objective of this research is to observe the challenges that translators and interpreters have to face as well as their actions in promoting linguistic accessibility to the Portuguese oral language to hearing children (children born to deaf parents, children with deaf siblings and students who attend bilingual schools LIBRAS/Portuguese in an extension activity named by #CasaLibras. Taking into account the need to evaluate the paths that lead to such accessibility and the actions of TILSP in assuring accessibility for hearing children, this research proposes a qualitative study in order to address the inclusion or the lack of inclusion in the media, using as methodological data the social extension project #CasaLibras previously mentioned. This is a case study on the translation of the oral modality of the Portuguese language in children's media, the professional challenges of this activity and the reception of media materials by this audience. Data were analyzed based on the findings of Deaf Studies researchers. Results intend to contribute with new knowledge about these activities and attractive reflections for the training of TILSP, which is still a very recent field of study.

Key words: #CasaLibras, Accessibility, Midia, TILS

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- FLUXOGRAMA – CURSO DE BACHARELADO EM LETRAS-LIBRAS	20
FIGURA 2 - EQUIPE #CASALIBRAS	28
FIGURA 3 - RECORTE DA ENTREVISTA (CODA)	35
FIGURA 4 - RECORTE DA ENTREVISTA (CODA 2)	35

LISTA DE SIGLAS

CCE – Código de Conduta e Ética

CECH – Centro de Educação e Ciências Humanas

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CODA – Children of Deaf Adults

GEDiLS - Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais.

ILS – Intérprete de Língua de Sinais

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

PROLIBRAS - Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras e para a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa.

TAUIS - Termo de Autorização de Uso de Imagem e Som

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TILSP – Tradutor Intérprete de Libras/ Língua Portuguesa

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	9
LISTA DE SIGLAS	10
SUMÁRIO	11
INTRDUÇÃO.....	12
CAPITULO I – O TRABALHO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA (TILSP).	16
CAPITULO II – MEIOS MUDIÁTICOS E A TRADUÇÃO/ INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/ LP.	22
CAPÍTULO II.I – AS MÍDIAS PRODUZIDAS PELO PROJETO #CASALIBRAS E AS AÇÕES VOLTADA AO PÚBLICO INFANTIL OUVINTE.....	28
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO.	32
CAPÍTULO III.I - PARTICIPANTES DA PESQUISA	36
CAPÍTULO III.II - PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.	38
CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS DADOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTE ESTUDO.....	52
REFERÊNCIA.....	54
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	58
ANEXO B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	65
ANEXO C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	65
ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	66

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa foi desenvolvida como requisito obrigatório para a finalização do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)/ Língua Portuguesa (LP) - (TILSP). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com o intuito de apresentar os desafios dos tradutores e intérprete de Libras/Língua Portuguesa no contexto virtual, com uso de dispositivos midiáticos. No contexto de isolamento social, provocado pela pandemia do Covid-19, as relações virtuais foram intensificadas. A pesquisa foi desenvolvida totalmente de forma remota, com análise da interação de crianças ouvintes, diante do uso de materiais acessíveis em Libras, a partir deste programa #CasaLibras, para compreender a relação do uso destes produtos por meio de entrevistas virtuais. Para complementar os dados e análises da pesquisa acerca da produção de materiais em Libras para crianças surdas e ouvintes, fizemos também entrevistas com os tradutores e intérpretes e graduandos do curso de Bacharel em TILSP pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), que atuam no mesmo programa, #CasaLibras.

Estas entrevistas proporcionaram a obtenção de informações sobre a formação de tradutores e intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa, na análise da produção de acessibilidade digital ao público infantil ouvinte. Esse estudo é profícuo, visto que a acessibilidade é algo objetivado no curso de TILSP. Por mais que seja compartilhado no decorrer da formação acadêmica, sobre a mediação entre línguas, sujeitos e culturas que a esta mediação seja a atividade primeira de um tradutor/intérprete, há um maior direcionamento para a formação de profissionais para atuação junto ao público surdo, sobretudo, o público adulto. Sobre os demais sujeitos que também serão beneficiários em potencial das práticas de futuros profissionais formados pelo TILSP, já que podem ser solicitados o trabalho do intérprete e tradutor de língua de sinais e português, para o público ouvinte, não há discussões ou contemplações nos estudos dirigidos às crianças ouvintes.

As inquietações diante dos desafios da atuação com o público infantil (surdo/ouvinte), produziram-se o interesse e necessidade de buscar maior experiência prática profissional, com esse foco, para além das aprendizagens que o curso já ofertara.

Por conta disso, realiza-se a busca por propostas complementares de formação à universidade, como atividade de extensão para graduandos, o qual, foi disposta a proposta adicional na formação do futuro profissional e propícia para esse fim. Obtendo informações da

proposta comunitária do programa #CasaLibras, que apresentando-se mais adiante, a maneira como as atividades envolviam a acessibilidade ao público infantil surdo, a pesquisadora deste trabalho decide-se candidatar para atuar neste programa voluntariamente, no intuito de aperfeiçoar a prática profissional com esse público.

Na pandemia do Covid-19, acentuaram-se as consequências de falta de interação social com as crianças surdas em isolamento social. Admite-se, porque, diminuiu a interação social e recebimento de produtos virtuais de qualidade em Libras. Além disso, a falta de produções informativas em Libras para esse público gerou o aumento da gravidade e intensidade do confinamento. Outro adendo é que a maioria das famílias de crianças surdas desconhece a língua de sinais e apenas nas escolas que as crianças passavam a obter, muitas vezes, o primeiro contato com a língua brasileira de sinais, tornando-se impossibilitado então dessa interação, devido ao fechamento das escolas, por conta da pandemia.

A atividade do programa promoveu as produções de contações de histórias em Libras e o mais interessante foi a facilidade de acesso aos materiais produzidos, pelo grupo #CasaLibras, as montagens das traduções em língua portuguesa de todas as obras para crianças ouvintes e seus famílias (que desconhecem a língua de sinais). Em circunstância do isolamento estavam diante de um material explicativo em Libras e propício ao compartilhamento e divulgação para uma vasta gama de parentesco. O #CasaLibras produziu vídeos de explicação das causas do isolamento, material didático explicando o que se tratava o novo Coronavírus, bem como passou a disseminar uma ampla produção de narrativas literárias em Libras para entretenimento de crianças surdas, sempre com a tradução oral para LP.

Aqui se inicia a maior barreira de pesquisa: Como possibilitar o acesso a materiais em Libras ao público infantil ouvinte? Quais formas enunciativas à tradução da língua portuguesa devem exibir para atingir o objetivo de produção de interesse a esse público? Quais os dilemas práticos que os profissionais tradutores tiveram durante as ações no projeto? Qual o uso destes materiais pelo público infantil ouvinte? Como não houve contato com essa prática durante a formação, pelas vivências e atividades formativas práticas ou mesmo na leitura de textos acadêmicos, surgiram dúvidas sobre as técnicas, prosódias e modos de inclusão de efeitos sonoplastas aliados às produções visuais em Libras, durante esse trabalho de conclusão de curso. Será que esses efeitos fazem a diferença no processo de interesse de visualização por crianças ouvintes?

Para esse estudo, recorreu-se a investigação de um grupo de crianças ouvintes que fizeram uso dos materiais produzidos no programa #CasaLibras na pandemia, por isso, a princípio, selecionamos: crianças ouvintes filhas de pais surdos, que usam a Libras em seu dia a dia, crianças que tenham irmãos surdos ou contato com colegas surdos em sala de aula, também dois dos tradutores e intérpretes que atuam na equipe e duas alunas do curso de Graduação em tradução e interpretação em Libras/ língua portuguesa.

Ao decorrer da pesquisa, apresentaram-se aos participantes as produções do #CasaLibras, para dialogar com os sujeitos da pesquisa, de modo a entender como os elementos imagéticos e a produção midiática em Libras, acessível ao público ouvinte, se coloca como um produto a ser consumido para o entretenimento, mesmo sendo uma produção com a Libras como língua fonte, ou seja, sem sua língua materna de conforto.

Para a coleta de dados buscou-se uma diversidade de famílias para a realização desse estudo por meio de contato virtual. Explorou-se como as histórias contadas no programa, com diferentes interpretações, pode ser aderida a cada criança surda ou ouvinte. Explica-se a maneira que ocorreram os procedimentos para a entrevista, após assistida as contações iniciou-se contato, por meio de entrevistas, para apontar reflexões sobre a produção: as falhas e os pontos positivos de cada história, sejam do ponto de vista das crianças, quanto dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras ou os alunos TILSP selecionados e que atuaram na tradução das histórias selecionadas. Tudo isso para entender como a diversidade de posições dos envolvidos e analisados, pode trazer uma nova perspectiva sobre a acessibilidade em Língua Portuguesa (LP) de materiais originados em Libras e quais contribuições estes estudos apresentaram para o campo da formação inicial de tradutores e intérpretes da língua de sinais.

Assim essa pesquisa está dividida da seguinte forma. No capítulo 1 foi abordado o processo de problematização em torno da necessidade de estruturação e formação para a construção da acessibilidade ao público infantil ouvinte. Pressuposto que devem ser trabalhados na formação inicial de Tradutores Intérpretes de Libras (TILS) para a realização de traduções e interpretações, principalmente na área educacional, em que a educação inclusiva, coloca em espaços comuns, crianças surdas e ouvintes. A formação de TILSP, a nosso ver, deve estar interligada aos meios de comunicação.

O capítulo 2 retrata a evolução da tecnologia, seus benefícios, apresentando os seus pontos positivos e negativos e a maneira que ela influenciou nos produtos audiovisuais. Para isso abordamos também as fases das crianças em seu meio social, assim como a tentativa de

uma produção audiovisual realizada pela INES. Na continuidade do capítulo, insere-se a descrição do projeto #CasaLibras, *locus* de realização deste estudo, promovendo o contexto de como foi seu nascimento no período de pandemia, apresentação dos integrantes e colocando algo a ser comparado com os demais trabalhos de mesmo formato produzidos até então. Por fim, discute-se como a Libras é colocada como uma língua de cunho assistencialista e por vezes vista como uma “língua apenas dos deficientes auditivos”.

Descreve-se no capítulo 3 o processo metodológico da pesquisa e quais materiais e recursos foram utilizados para realizá-lo, conjuntamente com o desenvolvimento das entrevistas, perguntas direcionadas à pauta, sugerindo-se algumas hipóteses, a qual abordam as histórias contadas em Libras e como se deu a análise desses materiais para circulação ampla, fossem para as pessoas que de algum modo já tinham contato com pessoas surdas e com a Libras, além de trazer a perspectiva dos tradutores e intérpretes que produziram os materiais. Buscamos levantar seus pontos de vistas.

No capítulo 4 constitui-se uma análise elaborada dos dados obtidos da pesquisa, através das entrevistas com os participantes, crianças ouvintes e tradutores e intérpretes de Libras do projeto #CasaLibras. A coleta foi realizada por meio de entrevistas remotas pelo Google Meet, em horários e datas marcados previamente por ambos os lados, assim apresentando elementos basais de grande valia, que exhibe pontos específicos da pandemia e questões a serem analisadas, junto aos aguçamentos das crianças para veicular os materiais do projeto, sendo eles originais e de própria autoria.

As considerações finais contemplam a luta pela inclusão de pessoas surdas, que se arrasta ao longo dos anos e ainda é constante, mas espera-se que o estudo auxilie na reflexão em ações à formação de TILSP, de maneira que amplie os processos de acessibilidade às crianças ouvintes e surdas, para ampliar o espectro da inclusão e da acessibilidade. Ou seja, é necessário pensar a acessibilidade pela dupla direção: Libras- Língua Portuguesa e Língua Portuguesa-Libras, pois é necessário remover barreiras e expandir as fronteiras da acessibilidade, explorando recursos em produções audiovisuais para esse público, que atualmente são escassas e pontuais.

Nesse sentido, tornam-se necessárias outras maneiras para conceber práticas correlatas que devem estar posta na formação dos profissionais tradutores e intérpretes de Libras, que propiciem independência e autonomia para criação e desenvolvimento de trabalhos também na área tecnológico-técnica e no audiovisual.

CAPITULO I – O TRABALHO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS/LÍNGUA PORTUGUESA (TILSP)

Neste capítulo, abordamos a história de formação e emergência dos profissionais Tradutores e Intérpretes de Libras/Língua Portuguesa (TILSP). Apresentamos a construção de leis e novas diretrizes sobre a profissionalização e de como acontece o processo de demanda e tensões muitas vezes não colocadas em currículo formativo ou em desenvolvimento no meio acadêmico. Isso ocorre também pela escassez dos cursos no ensino superior nesse campo.

Aprender uma nova língua, se adaptar ao mundo que não é sua realidade, interagir a nova era da tecnologia e como ela pode ajudar no seu trabalho ou na sua vida cotidiana são pontos de partida para essa pesquisa.

A partir desses pontos busca-se refletir como somos dependentes do outro para a produção dialógica e para a constituição de nós mesmos. A interlocução comunicativa faz parte da constituição subjetiva e a falta de interação por barreiras comunicativas é o ponto chave para a investigação que se segue. Por isso apontamos esse tema como relevante para a formação dos tradutores/intérpretes de Libras e Língua Portuguesa.

Desde que foi sancionada a Lei Libras nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 regulamentou-se a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como meio de comunicação e expressão de pessoas surdas e pode assim abranger a luta desta comunidade. Após a regulamentação da Libras iniciaram-se discussões e formações para o TILS, no entanto, é somente depois de sancionada a Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010 que tivemos efetivamente (por meio jurídico) o movimento social e legal para a profissionalização do TILSP. Assim, aumentaram-se a demanda deste profissional e conseqüentemente tivemos um aumento do trabalho sistemático formativo de tradutores e intérpretes de Libras, já que passou a ser reconhecido como um cargo profissional, no qual, precisava de todo um estudo e formas específicas a serem trabalhadas, saindo do pleito de uma atividade de cunho assistencial. .

No entanto, estudos nos mostram que a atividade de tradutores e intérpretes de Libras foram iniciadas como ações assistenciais para auxiliar os surdos em espaços em que não tinham acesso dada a falta de comunicação pela língua de sinais (ASSIS SILVA, 2012). A princípio os tradutores/intérpretes iniciavam o contato com a língua de sinais através de centros religiosos

ou da necessidade de comunicar-se com alguns parentes surdos, usuários dessa língua. Acerca da formação do TILSP na legislação ficou definida assim:

Art. 4º A formação profissional do tradutor e intérprete de Libras - Português, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I - cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou; II - cursos de extensão universitária; e III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação. Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2010, s/p)

Essa conquista legal é fundamental para o desdobramento da nossa pesquisa que trará apontamentos relevantes para a formação de Tradutores e Intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa (TILSP). Para conseguirmos analisar o repertório amostral da pesquisa, buscamos crianças ouvintes que tiveram contato com os materiais do #CasaLibras. Queremos aproximar os desafios impostos pela prática interpretativa e entender quais as demandas atuais desses profissionais. Por isso, além das crianças ouvintes, realizamos conversa com os tradutores dos materiais, por meio de entrevistas. Assim cada tradutor pode apontar a maneira como as experiências de trabalho e as novas realidades de produção de acessibilidade em contexto remoto influenciam para o repensar em suas ações cotidianas.

Ao conversar com alguns TILSP que atuam no projeto #CasaLibras pudemos entender como se deu a tradução/narração de histórias infantis no projeto e de que modo os elementos midiáticos e imagens que foram produzidas na edição, impactam, modificam e trazem especificidades para esse tipo de trabalho tradutório. A atividade tradutória tem impacto direto no acesso social das pessoas surdas e como aponta Assis Silva (2012) ela é iniciada por meio de ações assistenciais feita por familiares e amigos de pessoas surdas. Iniciada por meio majoritário da interpretação, ou seja, da ação face a face, em que se tem fisicamente a pessoa surda, o interlocutor ouvinte e o intérprete de Libras, atuando de modo simultâneo. Com as mudanças sociais, a tecnologia passa a ser aliada no processo interpretativo, que por vezes, até pode ser simultâneo, mas mediado por plataformas digitais em atuação remota. Assim, o conhecimento tecnológico passa a ser necessário dentro da formação de TILSP. Na pandemia da Covid-19 isso fica ainda mais acentuado.

A atividade tradutória, na modalidade de tradução, ou seja, com recursividade e entrega de produto que passa por revisão e gravação, é algo mais recente. É sobre a tradução (de textos em Libras) que essa pesquisa focará.

Nesse sentido, fica evidente que pelo pouco tempo de reconhecimento legal da profissão, mais as novas práticas diante do aumento da demanda da atividade, bem como a ação das novidades das realidades virtuais para a atividade, somam a necessidade da ressignificação da prática profissional e coloca a urgência da ampliação da atividade formativa aos TILSP.

A profissão do intérprete está em processo de construção, muitas ressignificações ainda são necessárias para a efetiva conquista de uma identidade profissional. As mudanças ocorridas nesta última década com relação à política de inclusão forçaram mudanças no perfil desse profissional, cabe agora a essa classe trabalhadora lutar pelo pleno reconhecimento dessa profissão e todas as implicações contidas nessa desde a formação, conquista da sua classificação na hierarquia das profissões e coerente avaliação das competências necessárias para o exercício do cargo, e cabe às empresas concessionárias e Secretarias de educação criar a demanda por cursos de qualificação profissional na medida em que melhorem a seleção e organização dos conteúdos exigíveis nos concursos públicos para o cargo de intérprete educacional. (CAMARGO, 2012, p. 108).

A qualidade da atividade tradutória é algo que deve ser buscada, uma vez que o público surdo recebe as informações por processos, interpretativo-tradutórios, o que exige um comprometimento do tradutor/intérprete e do local que o contrata. É através dessas lutas como as colocadas acima que fortalecemos a área. Há necessidade de entregar materiais prévios para o estudo do tradutor/intérprete para que se tenha um produto final de alta qualidade. Para o público infantil isso não é diferente. Precisamos de materiais midiáticos com alta qualidade para o desenvolvimento de material infantil.

As crianças surdas interagem com esses produtos e por vezes ele atua como espaço de apropriação da língua de sinais. Isso marca a responsabilidade do processo tradutório na construção do produto final e a necessidade de se ter falantes qualificados em Libras para a construção de mídias bilíngues (Libras/Língua Portuguesa). A produção de materiais em Libras colabora para a amplificação da circulação dessa língua e acesso para todos os indivíduos surdos brasileiros. O que produz um empoderamento ao público surdo por meio da visibilidade de sua língua.

Na formação do tradutor e interprete, através de pesquisas (MARTINS; NASCIMENTO, 2015), retomam a perspectiva do modelo assistencial para a atuação do TILSP

e marcam como isso se coloca ainda nos dias atuais. Esse movimento fica evidente quando vemos a presença de TISLP sem formação sistematizada, realizada por espaços institucionais e a própria desobrigação do estado no oferecimento da tradução como prática laboral e como serviço fundamental. A visão assistencialista consiste em marcar a atividade tradutória como um ato de “caridade” e como um auxílio benevolente de alguém que caridosamente se coloca na atividade voluntária de intermediar discursos. Não sendo uma prática de trabalho a qualidade da atividade não pode ser questionada. Como ação assistencial cabe ao sujeito que demanda a tradução/interpretação buscar um parente, amigo ou um voluntário que gentilmente se coloque na prontidão do auxílio. Assim, contrariamente à ação isolada e individual, através de dados retirados do jornal G1, de 12 de fevereiro de 2020 aponta que “a população brasileira é composta por mais de 10 milhões de pessoas surdas” (G1, ano 2020). A representatividade dessa população faz com que numericamente já se coloque a necessidade de políticas afirmativas e de seguridade de informação a essa população, em Libras. A matéria ainda aponta que futuramente teremos mais de 900 milhões poderá desenvolver surdez no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e através de uma breve matéria televisiva realizada pela TV Brasil apresenta essa estima sobre estes dados apresentados (TV Brasil, ano 2019).

Diante disso, indagamos de que modo será suportada essa alta demanda pela atividade tradutória? E mais, qual a qualidade da prática tradutória para a mediação discursiva em Libras a esse público? Como mencionado, a formação na área da tradução/interpretação em Libras/LP é uma atividade recente e vemos que o mercado tem exigido uma qualificação irrisória para a oferta da acessibilidade ao público surdo. Temos novos cursos divulgados nas redes sociais, alguns com baixa carga horária, por volta de 30 horas, com certificação. Essa pouca quantidade de horas para formação não garante uma base sólida para pessoas que querem atuar como TISLP e são levados a acreditar que uma formação rápida o habilita para esse fim.

Atualmente, por conta da legislação favorável à acessibilidade linguística de surdos, temos cursos de graduação que formam profissionais TISLP. Ainda são poucos os cursos espalhados no Brasil. No estado de São Paulo, apenas a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) tem um curso para essa finalidade. Essa realidade de pouca formação não supre a alta demanda de trabalho. A formação em bacharelados para tradução e interpretação na Libras/Língua Portuguesa na Universidade Federal de São Carlos, é feita em quatro (4) anos. Por meio da análise de algumas grades curriculares podemos entender alguns direcionamentos formativos que as instituições de ensino têm ofertado. Apresentamos a grade curricular (fluxograma) de cursos que formam profissionais TISLP.

Figura 1 – Fluxograma- Curso de Bacharelado em Letras-Libras

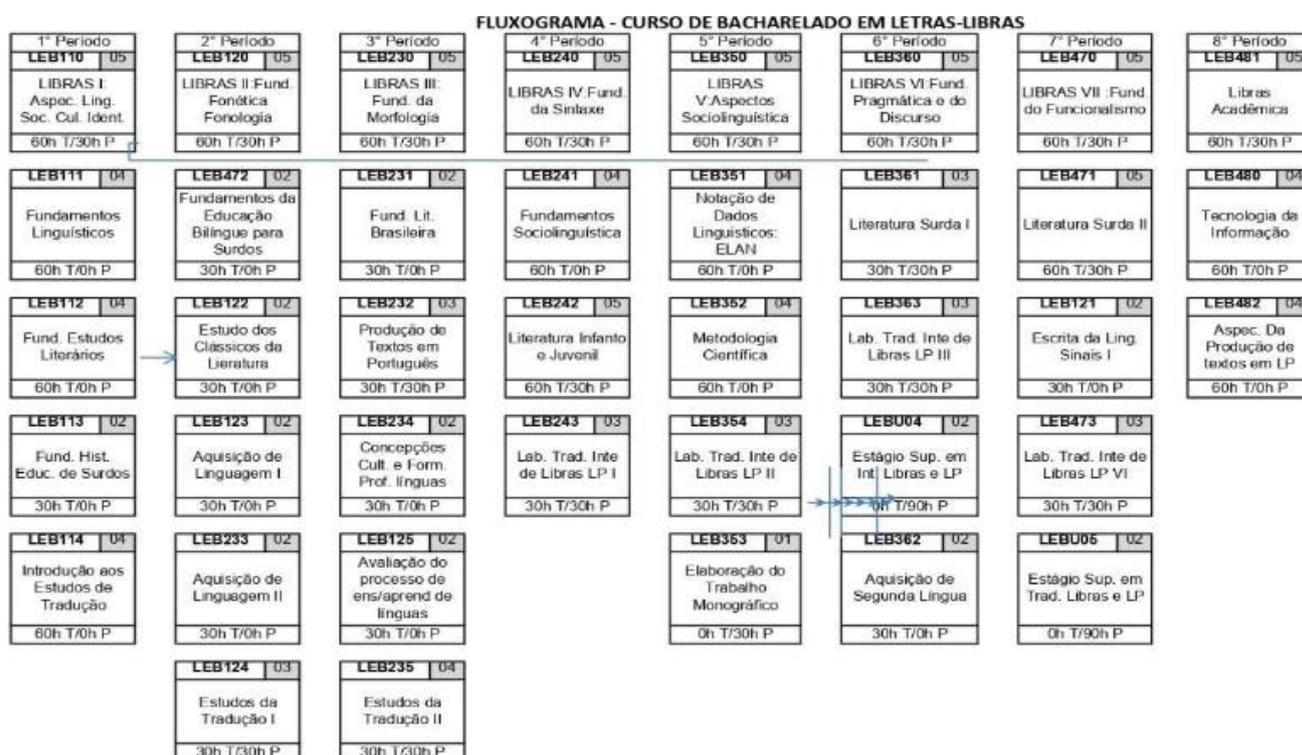


Figura 1

Fonte: [Letras-LIBRAS - Faculdade de Letras - UFRJ](#)

Na grade, vemos a abrangência de vários pontos importantes da formação, temas que se colocam fundamentais para a prática interpretativa, mas notamos também a falta de alguns elementos técnicos, temas voltados à tecnologia e seu uso na atividade do intérprete de Libras, que são demasiadamente significativos para a atuação prática, uma vez que a língua de sinais, sendo de modalidade gestuovisual, demandará recursos tecnológicos para registros quando forem realizadas traduções entre as línguas, língua portuguesa e língua de sinais. A captura de imagens é fundamental para o processo de registro de enunciados em Libras. Portanto, reitera-se que como a Libras é uma língua visuoespacial o conhecimento de questões técnicas para captura da imagem para a tradução, por exemplo, é muito importante, dada a alta demanda na atualidade, mas não se vê em nenhum dos períodos formativos, esse direcionamento formativo audiovisual. Talvez isso seja efeito das atividades iniciais dos TILSP terem se dado em espaço de atuação face-a-face, ou seja, com práticas interpretativos mais do que a atividade de tradução. No entanto, temas como enquadramento do TILSP na filmagem, fundo, modo de captura e processos básicos de edição para produção de janelas de Libras, é sem dúvida, algo de extrema relevância.

Os tradutores e intérpretes são os profissionais que atuam como ponte na mediação entre as duas línguas e as culturas que as integram, tanto da Libras para o português como também na forma inversa. Para ser executada essa profissão com maior primor é necessário apontar algumas reflexões e direcionamento formativo como os conhecimentos midiáticos, de modo a melhorar o desenvolvimento dessa profissão, já que não pode continuar seguindo a atividade como resultado de atividade assistencial. Essa mudança de postura começa na profissionalização da atividade pelo profissional que a executa e, ainda, no reconhecimento de que a atividade interpretativo-tradutória é algo muito laborioso e que demanda dedicação e comprometimento. Isso é necessária uma vez que a falta de profissionalismo e compromisso impacta diretamente a vida dos surdos.

Além do conhecimento do contexto de atuação e de suas especificidades das diferentes esferas, artística, religiosa, comunitária, jurídica, da saúde, da educação, entre outras, há que se apontar a importância do conhecimento aprofundado da língua de sinais e os dilemas postos em cada contexto (MARTINS; NASCIMENTO, 2015).

A formação de tradutores e intérpretes tem se dado em nível de graduação e pós-graduação lato-sensu, além dos cursos de extensão, pelas universidades públicas como: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com duas nomenclaturas distintas e algumas diferenciações nas grades curriculares são: Letras-Libras e Tradução e Interpretação em Libras/LP, mas ambas cumprindo o mesmo objetivo de formação desses profissionais.

A necessidade de criações desses cursos de formação para TILSP se dá pela demanda e a ascensão da atividade aliado à politização da comunidade surda nas constantes lutas pelos seus direitos linguísticos e de sua inclusão na sociedade, de forma, tanto acadêmica, como empresarial, e de muitos outros espaços da vida pública em que eles têm direito de aparição pela Libras. Dessa forma a comunidade surda tem reivindicado a qualidade de trabalho dos profissionais TILSP, o que é algo positivo para o momento.

CAPITULO II – MEIOS MIDIÁTICOS E A TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS/ LP

Neste capítulo, abordam-se pontos relativos aos meios midiáticos e a evolução desses espaços para o uso de entretenimento e ferramenta estudantil. Aponta-se como as mudanças tecnológicas afetaram diretamente o público surdo para o acesso destes materiais.

Diante das novas demandas formativas para o TILSP com as muitas atividades virtuais, principalmente em meio à pandemia provocada pelo novo Coronavírus, é importante que esse profissional tenha conhecimento tecnológico. A evolução da tecnologia nos coloca em novas realidades de interação e de certo modo, para a população surda, favorece as possibilidades de acessibilidade pela modalidade da Libras, que é uma língua gestuovisual. Com isso, são necessários novos conhecimentos tecnológicos na direção de produção de janela de Libras, interações em espaços de interpretação síncronas e traduções remotas assíncronas. Essas são algumas das possibilidades. Quando pensamos na interação remota, diante do isolamento social, provocado pela pandemia, vemos os canais televisivos, abertos e fechados, investindo de forma árdua para a produção de entretenimento. As redes televisivas, algumas delas, passam a investir em janela de Libras, mas notamos que as produções acessíveis para surdos, na televisão são direcionadas ao público adulto. Diante disso, o incomodo de produções de materiais para o público infantil surdo é legítimo. Essa é a justificativa para a construção do projeto #CasaLibras: a falta de produtos sociais em Libras para o público infantil. Para justificar o estudo, apresentam-se alguns pontos da produção midiática infantil e a tecnologia.

Numa linha de tempo pode-se colocado a evolução dos meios de comunicação, iniciando com a ‘Era do Rádio’, este o que foi um marco na história e isso não se deu de forma aleatória. Esse entusiasmo informacional era percebido ao conversar com pessoas contemporâneas daquele momento, que relatavam o prazer na sensação de ouvir o rádio, mostrando um toque todo especial da recepção informacional por esse veículo, pela audição, uma vez que sem a imagem vinculada, a criatividade imaginativa tinha que ficar mais apurada. Essa rotina informacional e essa nova tecnologia alterou as relações cotidianas: todos se concentrando em torno dos lares daqueles que possuíam o tal aparelho de rádio. Essa reunião em lares ao final do dia se dava para desfrutar de músicas, notícias, etc. Dava a sensação de que aquele momento pudesse possibilitar uma pausa na correria, como se a cidade estivesse toda parada apenas para apreciar aquele tempo coletivo, o de ouvir o rádio, que se mostrava como um grande evento

diário. Se a presença de informações cotidianas, a música, a literatura, o entretenimento, se fez nesse espaço de múltiplas sensações, coletivas e individuais, de modo diferenciado, mas com essa intencionalidade vejo a potência do projeto #CasaLibras como espaço de entretenimento para surdos, ouvintes, crianças e adultos em torno de um projeto literário infantil que forma e informa. Na pandemia do novo Coronavírus tiveram rotinas alteradas e os veículos de comunicação, as mídias televisivas e as redes sociais passaram a ser aliados ao entretenimento e distração da população em seus lares.

Muitas *lives*, séries de podcast e um arsenal de veículos de informações invadiram os lares da população brasileira nesta pandemia toda. Com a intenção de levar entretenimento literário e cultural às crianças surdas na pandemia da Covid-19, nasce o projeto #CasaLibras. No decorrer das produções do projeto fomos conhecendo melhor o público que conosco interagiu ao que tange a recepção de nossos materiais e notamos que muitas escolas estavam usando nossas contações literárias para crianças surdas e ouvintes, então tivemos que ampliar as formas de acessibilidade.

Por isso, o projeto #CasaLibras também trazia consigo o objetivo de fazer com que a produção executada nas edições visuais e sonoras (para o público ouvinte acessar o conteúdo em Libras) trouxesse essa mesma sensação de ter o prazer de desfrutar dos sons e mergulhar a cada novo material e história contada.

A primeira radionovela foi ao ar no Brasil em 5 de julho de 1941. Era uma história cubana adaptada por Gilberto Martins chamada “Em Busca da Felicidade”. Ia ao ar pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro às segundas, quartas e sextas, às 10h30 da manhã. Durou 284 capítulos e ficou no ar até maio de 1943 (BANCOPAN, 2020, sem paginação).

A radionovela foi de grande relevância para o desdobramento dos acontecimentos históricos dentro do campo audiovisual devido a sua performance inovadora de transmitir as narrativas, não dependendo de alfabetização do ouvinte ou idas aos teatros, possíveis somente à uma classe social elitista. Por isso, essa forma de entretenimento popularizou a cultura.

As radionovelas eram contadas com um alto nível de detalhamento, procurando imergir o público ouvinte e aguçar sua imaginação, transportando-o para dentro daquele “livro sonoro” que a cada elemento novo das cenas, a cada objeto inserido no cenário desempenhando um papel específico, se conectava e influenciava as personagens.

Coloca-se com as radionovelas, o entendimento e percepção que elas eram espaços de divertimento e distração, para ser “um bom tempo para o exercício da imaginação”, mas não

exatamente para todos, pois a comunidade surda ainda não tinha seus direitos garantidos naquele momento, motivo de muita luta ainda nos dias atuais. Eles não eram considerados como seres sociáveis e pensantes, mas apenas como deficientes e, portanto, sem acessibilidade a conteúdos adaptados em uma língua que lhe fosse acessível, principalmente aos recursos sonoros (utilizados naquela mídia) sendo excluídos e sofrendo preconceito coletivo e falta de informação compartilhada para essa comunidade.

No processo ocorreu um movimento migratório dos ouvintes de rádio para a televisão, segundo o site ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão). Ainda na atualidade temos um grande volume de informações e dados que circulam através das rádios, servindo ainda como uma opção ao público em geral que dispõe de acesso ao mesmo conteúdo por diversos outros meios ou plataformas. Esse fato pode ser observado na variedade de fontes recebidas pelas pessoas ouvintes. Elas, diferente das pessoas surdas, têm acesso às informações por várias plataformas. Essa realidade apresentada, todavia, é diferente da observada na Era do Rádio no que se refere à menor circulação de informação.

Nos primeiros anos da televisão, os desenhos e filmes produzidos não utilizavam sons de forma síncrona com a transição de cenas e imagens, onde a reprodução de sons nos diversos eventos das cenas era realizada por orquestras - única tecnologia disponível para aquele momento e ainda em desenvolvimento. Esse recurso é muito evidente em produções do grande ator e cineasta Charlie Chaplin, um dos pioneiros do cinema, que utilizava para produção de humor as expressões faciais e gestos que expunham seus sentimentos, complementando seu estilo de vida simples e pitoresco.

Iniciando-se o momento de criação e inserção da televisão como opção de entretenimento foram apresentadas historicamente mudanças graduais na sua evolução que ocorriam num ritmo menos acelerado, mas com diversos avanços necessários e extremamente relevantes para o desenvolvimento de novas tecnologias para a sociedade, pode-se referenciar como os curtas-metragens.

Os curtas-metragens criados antes da chegada do som, não influenciavam no sentido da animação, pois os criadores utilizaram técnicas de intensificação dos desenhos, fazendo com que os espectadores compreendessem por completo a história. O desenvolvimento do som modificou a evolução dos desenhos a partir do sucesso da designada *Opus*, uma série de animação, que se unia imagem com marcação musical, na qual produziu a notável sequência animada “Sonho do Falcão”, no filme de Fritz Lang, *Die Nibelungen*, de 1926 por expor

claramente os momentos em que são adicionados os sons, como também acontece nos anos seguintes com a animação de Walt Disney, o Mickey Mouse *Steamboat Wille* (1928).

As animações, então, foram evoluindo em sua forma, com mais efeitos, e por meio de *Walt Disney* foi criada uma linguagem cinematográfica que definia essas ilustrações como a “ilusão da vida”. Mas essa evolução direcionou seu público, somente os ouvintes a usufruir, pois obteve redução de expressão corporal, facial, utilização de espaço, iniciando a interação com os personagens por meio do uso da língua oral.

Para as pessoas surdas, a falta de produções direcionadas em Libras faz com que, muitas vezes, tenham menor acesso às informações sociais e aos produtos culturais disseminados nos dispositivos tecnológicos. Podendo-se mostrar a importância da ludicidade para crianças surdas deve ser considerada tanto quanto para as crianças ouvintes, umas vezes que, pela visualização representativa imagética, o entretenimento possibilita a ativação do sistema simbólico e das representações e do brincar que são fundamentais na construção de conceitos para a criança. Segundo Vygotsky (1984), é no brincar que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva. Os surdos estão privados da língua oral por questões biológicas e tendo os desenhos modificados, valorizam a interação verbal, a não criação de desenhos em Libras e a mudança histórica do mesmo prejudica a inserção e acessibilidade deste público.

Para o desenvolvimento das crianças, os desenhos são uma forma de estímulo da criatividade e da linguagem, pois se coloca num espaço de interação reflexiva entre criança e objeto mediado pela linguagem infantil. Mas por objeção as crianças que são surdas não adquirem essa possibilidade de interação pela barreira linguística. Assim, não é possível por elas o entendimento do diálogo entre as personagens, quebrando esse triângulo pela diferença de transmissão da língua, interferindo diretamente nos três pontos do ciclo.

Aprendizado adequadamente organizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. (VYGOTSKY, 2007, p.101).

Como hipótese que os desenhos iniciais favoreciam a interação de crianças surdas, uma vez que a visualidade e as ações eram feitas por meio de cenas sem pautar-se da oralidade como uso específico da construção de sentidos. Os surdos se constituem por meio da visualidade, sendo a língua brasileira de sinais uma língua de modalidade gesto-visual.

E atualmente a gama de desenhos direcionados a crianças ouvintes são amplas, pela quantidade de personagens falantes (ou dublados na sua língua materna), e deixando inacessível às crianças surdas.

Precisa-se ter um olhar mais atento a essas relações entre a aprendizagem com a utilização de desenho e como essa interação foi desfavorecida as crianças surdas, pois não é bimodal (ou intermodal) e através de muitas pesquisas observamos que um desenho pode trazer muitos ensinamentos, mas deixa a desejar no fornecimento de animações direcionadas para esse público surdo (MARSCHARK, 2002).

A princípio tiveram uma breve tentativa de criação de um curta-metragem publicado em 21 de agosto de 2015, João e Maria feito pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o pioneiro desenho em Libras, mas de maneira sutil e pouco clara, mostrando que estão começando a pensar mais na acessibilidade.

A partir de criações de conteúdos, não apenas voltado ao grupo maior de pessoas, sendo exclusivos para tais membros, e sim para se compartilhar conteúdos entre as línguas e os sujeitos falantes delas, pois, ao ser inovado algo para a sociedade, podemos dizer que o intuito do desenvolvedor desse novo meio comunicacional foi o de alcançar e envolver cada vez mais novos espectadores:

O fim de todo escritor é instruir ou agradar, ou instruir e agradar ao mesmo tempo. Ele agrada ao falar para os sentidos, ao tocar a imaginação, ao comover as paixões; ele instrui ao propiciar conhecimento, ao dissipar preconceitos, ao destruir erros, ao combater os vícios e os preconceitos. Esses dois fins embora diferentes não se excluem mutuamente (CONDILLAC, 2018, p. 327- 328).”

E como na arte de escrever, de Condillac, na era moderna podemos transpassar para as mídias, onde o objetivo continua o mesmo, mas de maneira mais acessível e fácil de encontrar.

Com a continuidade dos meios de propagação de informações e uso de novas tecnologia a chegada das televisões e posteriormente dos *smartphones*, que divulga informações expõe os novos meios de recursos para conseguir atingir o público surdo, como a implementação da janela de Libras e a forma mais apropriada de ser inserida.

A visibilidade da Libras tem impactado no aumento de janelas acessíveis para as pessoas surdas e demandado mais a presença de tradutores e intérpretes de Libras. Nascimento (2017) desenvolve um estudo a partir da perspectiva de pessoas surdas qual o impacto de tamanhos, cores e modos de disposição de janelas de Libras em gêneros midiáticos distintos. Isso mostra

que a exigência das pessoas surdas em relação à acessibilidade tem aumentado graças à força legal que lhes garante acesso aos conteúdos que estão disponíveis e abertos à população brasileira. Para isso, temos a regulação de normas técnicas que ditam os modos de sua inserção para as mídias gerais.

O gênero possui como objetivo central colocar o telespectador na posição de aprendiz dos conteúdos a serem transmitidos e, por isso, a discussão sobre o tamanho e a posição da janela de Libras realizada pelos grupos levou em consideração o fato de que o público surdo, enquanto possível interlocutor do conteúdo de aula, precisa acessar os conteúdos da aula do mesmo modo que um aluno ouvinte acessa (Nascimento, 2017, p. 479)

Com essa pesquisa apresentam-se pontos importante de análise sobre a estratégia para que o aluno sinta a equivalência para com os mesmos e o desejo de pertencimento ao ambiente que se situa, isto obtendo a partir dos estudos e pesquisa de enquadramento e desenvolvimento das ferramentas de edições, as quais, de acordo com toda a cronologia apresentada anteriormente não se fazia jus devido a evolução dos matérias, mas que na contemporaneidade pode-se contemplar e usufruir.

CAPÍTULO III – AS MÍDIAS PRODUZIDAS PELO PROJETO #CASALIBRAS E AS AÇÕES VOLTADAS AO PÚBLICO INFANTIL OUVINTE

Neste capítulo, explicam-se os acontecimentos e o surgimento de uma das iniciativas do projeto que se tornou programa #CasaLibras (ensino, pesquisa e extensão) e os objetivos a serem inseridos ao começar o pensamento e a maneira, a qual desencadeou essa pesquisa.

Os dados referem-se ao programa “#CasaLibras: Programa de atenção bilíngue virtual a crianças surdas na pandemia do "Coronavírus" - Covid-19” registrada na PROEX (Pró-reitora de Extensão/Processo nº23112.008055/2020-58) e desenvolvida por docentes, técnicos administrativos e alunos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Essa ação é produto também da pesquisa em desenvolvimento financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) com Processo nº 2018/08930-0 que desenvolve análises e ações de intervenções educacionais bilíngues (Libras/Língua Portuguesa) para alunos surdos matriculados nos anos iniciais do ensino fundamental em escolas públicas do interior do Estado de São Paulo, a ação metodológica utilizada envolveu o compartilhamento on-line de todas as tarefas a serem executadas para a implantação do projeto, alterando a rotina e fluxo de trabalho de toda a equipe, que foi formada totalmente à distância e ressignificando desse modo o conceito de presencialidade

Figura 2 – Equipe #CasaLibra



Figura 2

Fonte: Arquivos do #CasaLibras

O projeto de extensão acontece por meio da produção de mídias com contações de histórias em Libras, feitas através de envio de narrativas em Libras produzidas por voluntários, que tenham fluência na Libras, passando por uma avaliação do grupo para o aceite ou não da edição nos padrões do programa e divulgação em seu canal do Youtube. Segundo os idealizadores do projeto, profa. Vanessa Martins e Prof. Guilherme Nichols, é necessária essa conduta, pois através dos materiais divulgados pelo programa tem-se percebido o interesse de seu uso para melhorar o nível de uso da Libras, auxiliando no desenvolvimento e na aquisição da língua de sinais principalmente em crianças surdas, mas também em crianças ouvintes.

Esse avanço se deu pela articulação crescente por meio de ações de ensino, pesquisa e extensão junto a alunos da UFSCar, em atividades desenvolvidas em parceria às escolas públicas, pelas atividades desenvolvidas em paralelo a grupos de pesquisas, pesquisadores, docentes da educação básica e demais membros da comunidade externa à UFSCar com interesse nas produções do #CasaLibras. (MARTINS; TORRES; NICHOLS, 2022, pág. 330)

Na elaboração deste programa, o propósito inicial era apenas o de colocar materiais didáticos e lúdicos adaptados para surdos, mas conforme o projeto foi se desenvolvendo, percebeu-se que as histórias produzidas como conteúdo poderiam auxiliar no desenvolvimento cognitivo das crianças ouvintes também, necessitando de uma escolha sonora também adaptada.

Para os materiais de conteúdos didáticos, utilizou-se como elemento principal o tradutor/intérprete para apresentação do assunto de modo restrito ou até mesmo limitado, isto é, de forma direta, apenas com a voz do intérprete, sem complementos. Mas quando o mesmo era colocado para a realização de tradução de história, uma grande modificação na narrativa era necessária, utilizando-se de “nuances” de voz e caracterizações vocais específicas para cada personagem, coerentemente com a situação da cena inserida nas edições dos vídeos ou feito pelo próprio contador da história.

Na montagem do material audiovisual, necessitou-se de repertório técnico em ambas as áreas do conhecimento, na parte produtiva contando com a percepção de “tons” de voz e encaixes de forma assertiva no vídeo e na Libras para a coesão e coerência do material que compõe a história. Após o momento da contação da história em Libras, na pós-produção, a reconstrução da narrativa para criação e inserção de materiais sonoros, preenchendo as lacunas existentes no espaço narrativo auditivo visando o público ouvinte. Esse espaço narrativo, com regras e força própria, é conhecido como diegese. Ou seja, a diegese é o ato de narrar ou descrever uma história, seja no teatro, no cinema ou literatura. É quando o artista, ou personagem, se torna locutor, assumindo assim sua própria identidade para descrever ou

comentar um acontecimento. Logo, pensar em *foley* é organizar modos e recursos para contar uma história e construir um universo a partir de sons.

Todos esses meios midiáticos tem como intuito de abranger um maior número de público para o contato dessas histórias. Essas as quais no passado eram apenas contadas ou em português para crianças ouvintes ou apenas contadas com tradução em Libras, mas antes não direcionada especificamente para o público infantil surdo com suas devidas adaptações no conto.

Os interpretes nesse aspecto deixa a desejar sobre os conhecimentos atrelados da esfera midiática ao das traduções, pois como exposto anteriormente mostra como esse caminho da acessibilidade é novo e pouco explorado, mas que através dessa pesquisa traremos hipóteses das perspectivas do público para identificarmos os erros e as benfeitorias do projeto.

No artigo “Representação da criança com deficiência em desenho animado audiovisual” de Menezes e Santos (2018) apresenta-se uma análise qualitativa na exploração do desenho *Milly e Molly* e como essa criação pode gerar uma perspectiva inclusiva nos meios dos desenhos e fazendo-se desta maneira as crianças identificar-se e iniciar uma aderência as práticas inclusivas e sem preconceito.

Uma vez que, no artigo “Deficiência, cinema, imaginário e formação docente” de Naujorks, Real e Mohr (2011) é articulado às relações entre cinema, imaginário, deficiência e formação docente, refletindo acerca das possibilidades de intervenção/formação pedagógica na perspectiva da educação inclusiva.

E tangenciado o artigo de Neves (2009) o “Cinema inclusivo: soluções diferenciadas para uma comunicação mais abrangente” é abordado a inclusão e como ela é apresentada em produtos cinemáticos no mercado e o acesso às pessoas com deficiência.

Direcionado para o aspecto da surdez, a base consistirá na obra de Vygotsky (1984), “*A formação social da mente*”, por conter as formas de interações do indivíduo. seu meio de aprendizagem de fora (mundo) para dentro (individual) e a partir disso desenvolver o indivíduo. E remeter a atenção que precisa ter perante as barreiras para as crianças surdas e as consequências causadas.

E a partir deste apanhado de referências precisa-se visualizar a perspectiva do público ouvinte a esses materiais, pois mesmo depois de várias tentativas de inclusão a Libras é considerada como uma “linguagem do deficiente” não como as outras consideradas como

idiomas, temos esse ponto de vista, porque os familiares colocam as crianças em escolas de idioma para tentar ampliar o conhecimento das várias línguas faladas no mundo, mas deixam a desejar uma língua nativa e de poder cultural, essa na qual atinge mais de 5% da população (UBM, 2020) a ainda é considerada assistencialista e de uso apenas de deficientes auditivos.

Tangenciando as bases de conhecimento apresentado coloca-se os de abrangência do #CasaLibras que modifica essa visão assistencialista e corrobora para a iniciativa de colocar mídias a ser assistido ao público surdo de maneira a expor resultados relevantes. Através de materiais disponibilizados pelo grupo e pesquisas realizadas foi adquirido dados com relação ao aceite e deles obtiveram maiores alcances de informações.

Nessas obras, identificam-se vários meios de socializar com as crianças durante o período remoto, fazendo-se assim uma rotina diferenciada das demais, pois fazem gincanas e brincadeiras, desta forma, para explanada conhecimento de sua própria cultura, algo que anteriormente elas não tinham contato com nada, mas que a partir das iniciativas do programa em desenvolver alguns entretenimentos, os surdos pararam a se equiparar com os demais indivíduos que passaram pela pandemia.

Os lecionadores tiveram um papel fundamental para ser o incentivado e o não abandono os estudos dos alunos, devido a muitas realidades conturbadas e precariedade em seu meio social. Com relatos evidentes destas iniciativas dos professores foi notória o desempenho estudantil para os diversos conteúdo produzidos pelo #CasaLibras.

As emoções já estavam afloradas pelo discurso trazido pelo corpo docente acerca das repercussões positivas da atividade com as crianças surdas e de como o empoderamento e circulação da Libras, produz aparição e vida na diferença para as crianças surdas. (MARTINS; TORRES; NICHOLS, 2022, pág. 337)

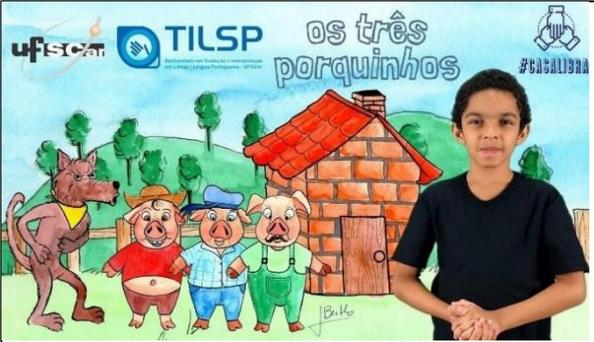
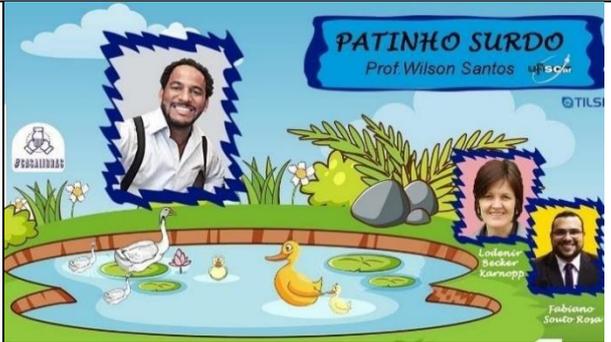
Conclui-se esse capítulo apresentando uma reflexão no sentido de um olhar para com os profissionais tradutores e interpretes de Libras sobre os anseios em fazer o conhecimento ser atingido para com todos e frequentemente fazem a busca de se aprofundar na área atuante, visto a quantidade da demanda na área do ensino básico entre outros setores. Juntamente a todos os passos dados pelos meios de produções mídias e obras de iniciativa de inclusão. A partir do próximo capítulo será iniciado as metodologias da pesquisa para investigar-se grande valia do programa #CasaLibras e a relevância para o meio acadêmico e de formação de instituições de imponência em pesquisa no Brasil.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE INVESTIGAÇÃO

Para iniciar-se este capítulo, retoma-se o principal objetivo deste estudo que é a formação de tradutores e intérpretes de Libras/ Língua Portuguesa na análise da produção de acessibilidade digital ao público infantil ouvinte. A proposta pretende problematizar em três pontos 1) Descrever historicamente o contexto de formação de tradutores e intérpretes de Libras favoráveis para a promoção de acessibilidade comunicativa Libras/LP e mediação linguísticas ao público infantil ouvinte. 2) Desenvolver análise das estratégias específicas de tradução voz para atenção ao público ouvinte no par linguístico Libras/Língua Portuguesa. 3) Analisar as concepções dos tradutores e intérpretes de Libras acerca do trabalho tradutório ao público ouvinte no projeto #CasaLibras e as análises de crianças ouvintes que tiveram acesso às mídias em Libras com tradução à língua portuguesa.

Essa investigação se caracteriza como uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que virá a compreender como o projeto, #CasaLibra, atua de forma pedagógica para crianças surdas e ouvintes. Segundo Gil (2002), as informações buscam aprofundar as questões propostas estudando “um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes” (GIL, 2002, p. 57), assim se coloca como dado ou campo de observação. Para isso a análise do contexto a ser vivido, as reflexões dos fatos, aprofundamento das teorias e as perguntas contantes foram, de forma exata, a maneira mais propícia para cada resposta. Foi analisado como as crianças ouvintes, sujeito da pesquisa, que a princípio receberiam as 4 mídias selecionadas para a análise. Pretendíamos levantar os pontos positivos e negativos dos materiais através da entrevista semiestruturada. Foram selecionadas crianças de 6 a 11 anos, as quais, entramos em contato após realizações de buscas através de redes sociais (grupos de pessoas interessadas na Libras) e grupos de associações de surdos (filhos de pais que frequentam esses espaços). Adotando uma pesquisa de campo virtual, utilizando programa de interação on-line (*Meet*) para as crianças de ciclo e vivências diferentes com o contato da Libras:

A pesquisa utilizou os produtos feitos pelo projeto #CasaLibras e que estão divulgados no canal do projeto para uso de forma gratuita. Todos os materiais são de uso livre e foram feitos pelo grupo de extensão da Universidade Federal de São Carlos. Selecionamos quatro (4) materiais contados por integrantes voluntários do projeto e que foram apresentados para todos os participantes da pesquisa.

	
<p>Vídeo 1 - João Pedro O. Nascimento - Os Três Porquinhos. Fonte: (711) Os Três Porquinhos - YouTube</p>	<p>Vídeo 2 - Wilson Santos - Patinho surdo. Fonte: (711) Patinho Surdo - YouTube</p>
	
<p>Vídeo 3 - Denis Pereira - Os Sapatinhos Vermelhos Fonte: (711) Os sapatinhos vermelhos - YouTube</p>	<p>Vídeo 4 - Tatiane Bonfim - A casa Sonolenta Fonte: (711) A casa sonolenta - YouTube</p>

Para além da recepção das crianças ouvintes também, por meio desses vídeos, analisamos os desafios e estratégias tradutórias para a tradução voz realizadas pelos tradutores e a partir disso, verificamos os pontos positivos e negativos acerca do material no que tange à tradução e a recepção do enunciado em Libras versado na Língua Portuguesa para as crianças ouvintes. E identificamos quais as características destoantes de cada aceite. Tendo em vista os elementos complementares e a maneira de impacto deles, os desenhos, ao decorrer das histórias apresentadas.

As entrevistas só foram agendadas após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, tendo sido aprovado pelo Processo CAAE de nº: 46519321.0.0000.5504. Entende-se a entrevista como uma ferramenta que reúne informações que abrangem ampla gama de aspectos da vida social e é um dos métodos mais aplicados na enquete em ciências humanas e sociais. Por ser usada pessoalmente, face a face com o entrevistado, “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo

assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.” (Gil, 2008, p.109). Nesta pesquisa, optamos por realizar uma entrevista semiestruturada, que, como o próprio nome sugere, encontra-se em um nível a depender de cada interação com o participante, pois inclui um guia com perguntas a serem feitas ao participante da pesquisa, mas permite uma abertura ao processamento de novas questões durante esta interação de pesquisa. Foi realizado com as intérpretes formados e aos graduandos do curso TLSP para compreender sua percepção sobre a atividade em si, a fim de obter informações sobre o perfil do profissional que atua em meio educacional infantil e que tem contato com os materiais do #CasaLibras.

A entrevista teve duração de acordo com a necessidade de fala de cada entrevistado, foi transcrita digitalmente, porém, não prosseguimos regras rígidas e detalhadas de transcrição, apenas marcamos pausas, interrupções de terceiros, reações das pessoas, mudanças bruscas de assunto e/ou reformulação e ênfase das frases. As transcrições têm um formato mais independente. Uma vez que não pretendemos analisar em profundidade as falas dos entrevistados. Em vez disso, concentra-se nas informações que ele fornece na resposta.

O primeiro contato com as crianças foi realizado a partir do consentimento dos pais, com a explicação clara do seguimento da pesquisa, junto aos objetivos e que seria de participação voluntária de seus filhos, podendo acompanhá-los durante a entrevista e com possibilidades de recusa ou pausas quando achassem necessárias, posterior ao aceite dos pais, foram enviadas via e-mail dos responsáveis legais o termo de assentimento (TALE), o termo de consentimento (TCLE), e o uso de imagem e som (TAUIS) para que realizássemos as entrevistas, após a devolutiva com as assinaturas marcamos as entrevistas. Para a coleta de imagens e captura dos sons utilizamos o programa *ScreenRec Settings*, ele é gratuito e após suas gravações disponibiliza no computador diretamente na pasta de arquivos, a qual já foi pré-selecionada para guardar todas as entrevistas, de maneira a deixar mais fluido o trabalho e melhor nas análises mais detalhadas e criteriosas, apresento como exemplo as imagens a seguir dos entrevistados CODA 1 e CODA 2.

Figura 3: Recorte da entrevista (CODA)



Figura 3

Fonte: Produzido pela autora

Figura 4: Recorte da entrevista (CODA 2)

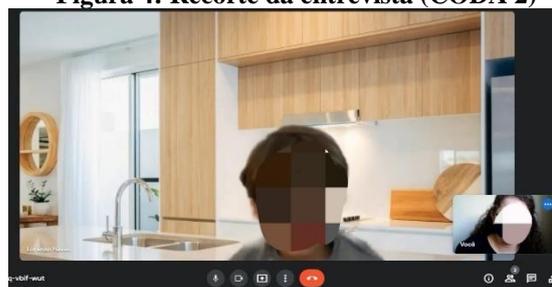


Figura 4

Fonte: Produzido pela autora

Foram feitas as entrevistas via plataforma Google Meet para as o contato com os entrevistados, nestas imagens a cima apresento como forma de captura de imagens durante as entrevistas. Procedemos utilizando o guia de perguntas semiestruturadas (Entrevista semiestruturada – Anexo A) para desenvolvermos melhor a pesquisa, mas respaldamos que: Acreditamos que a entrevista semiestruturada foi ideal por não ser um instrumento rígido e contribuir com a coleta dos dados como uma conversa, assim como expõe Lüdke e André (1986, p. 34) de forma a deixa fluida e com a sensação de interação amigável e prazerosa para o entrevistado e o entrevistador.

Selecionamos a princípio 4 narrativas do programa #CasaLibras com os seguintes temas técnico e literário diferenciado entre os contadores das histórias e as traduções vozes, que aborda-se as obras com referências destoantes para fazer jus ao comparativo, assim selecionando: a primeira contação tem pouca referência auditiva e com base na oratória em língua portuguesa, contada pelo João Pedro de Oliveira Nascimento, junto a complementação sonoro e narrada por uma intérprete formada pelo curso TILSP e também participante desta pesquisa, colocando a obra dos [Os Três Porquinhos - YouTube](#); a outra escolha que trouxéssemos que tem os pontos da temática é [Patinho Surdo - YouTube](#), por ser contada por um professor surdo, com experiencia na área infanto-juvenil e que fosse traduzida por uma intérprete discente do curso TILSP, para realização de perguntas posteriores sobre as diferenças dos usos e termos do meio, com para isso encontramos todos esses elementos na narrativa ; na terceira queríamos um conteúdo que aproxima-se dos elementos auditivos como as onomatopeias em conjunto uma história lúdicas, contada por Denis Pereira, narrador ouvinte, e com a tradução voz de uma das profissionais pedagogas participantes da pesquisa, de forma a ser colocado a história [Os Sapatinhos Vermelhos - YouTube](#); a última selecionada foi [A Casa Sonolenta - YouTube](#), que contempla os tópicos por refere-se a narrativa com embasamento

linguístico vindo do português transposto do livro, no qual, precisava-se um “ritmo” que seria perceptível aos ouvintes no momento da tradução voz, esta, a qual foi representada pela voz da própria contadora da história em Libras.

No próximo capítulo mostraremos apenas uma pausa a resposta das crianças, as intérpretes e os alunos do curso apresentando a ênfase da citação selecionada. Em seguida, separamos os pontos para o texto ter maior comodidade durante a leitura e tornamos a consulta mais prática e imersiva. Nessas leituras, conforme mencionado acima, marcamos trechos de acordo com nossos intentos, destacando-os com cores diferentes para facilitar a visualização e agrupando trechos que tratam do mesmo tema.

3.1. – DESCRIÇÃO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Tivemos duas intérpretes de Libras como participantes da pesquisa que colaboraram com a investigação, aceitando dispor um tempo para a realização da pesquisa, no qual abrangesse sobre sua vida curricular e seus feitos anteriores e como esses pontos influenciaram para o resultado dos trabalhos realizados pelo projeto e sua respectiva sobre esses materiais. Colocaremos com iniciais Profissional TILSP 1 e Profissional TILSP 2 para não ser utilizado os nomes das respectivas profissionais. Com relação as graduandas em formação serão citadas como: Aluna TILSP 1 e aluna TILSP 2; para as crianças como: CODA 1 e CODA 2.¹

Profissional TILSP 1- Certificada pelo Exame Nacional em Proficiência na Tradução e Interpretação da LIBRAS/ Língua Portuguesa - PROLIBRAS (2016). Possui experiência docente e Intérprete Educacional na área da educação bilíngue de surdos (ensino fundamental I), na educação especial salas exclusivas e em sala regular como professora regente. Possui experiência como Tradutora e Intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais) em diferentes esferas (comunitária e educacional), contudo, com maior ênfase na interpretação em contexto educacional fundamental I (séries iniciais - 1º ao 5º ano) e ensino superior (pág. 356).

Profissional TILSP 2 - Tem experiência como intérprete de Libras em diferentes esferas, especialmente, educacional, no ensino fundamental e ensino superior, saúde e

¹ *Children of Deaf Adults* ou CODA, um termo utilizado que tem como referir a filhos ouvintes de pais surdos.

conferência. Tem interesse nos estudos sobre educação bilíngue, tradução e interpretação em Libras na esfera educacional. (pág. 345).

Aluna TILSP 1 - Graduação em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos. Participante do Grupo de Estudos Discursivos da Língua de Sinais (GEDiLS/UFSCar/CNPq). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes do Vídeo, atuando principalmente nos seguintes temas: recursos audiovisuais para educação a distância, acessibilidade no audiovisual, janela de Libras no audiovisual, tradução audiovisual. (pág. 351).

Aluna TILSP 2 - Atualmente é graduanda do curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa (TILSP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e membro do projeto #CasaLibras. (pág. 356)

CODA 1 – Filho de pais surdos, 10 anos, fluente em Libras e que segundo ele desenvolveu Libras após os 8 anos de idade segundo ele através da entrevista, atualmente frequenta o ensino fundamental regular, cursando o 5º ano. Segundo ele tem uma boa comunicação com os pais e frequenta a comunidade surda e a associação que está vinculada a família. E como dado complementar durante a entrevista estava acompanhado de um integrante da família de primeiro grau com 3 anos de idade.

CODA 2 - Filho de pais surdos, 6 anos, fluente em Libras e não conseguiu obter informações desde quando começou a ter a compreensão das Libras, mas segundo as informações passadas pelos pais ele entende a Libras como L1 e que frequenta a associação de surdos com frequência. E segundo ele acha o inglês mais fácil do que a Libras.

No projeto, nosso objetivo inicial era selecionar (7) pessoas para a coleta por meio de entrevistas, visto que tínhamos como pré-requisito: crianças ouvintes filhos de pais surdos, ou crianças ouvintes que possuam irmã(o) surdo, ou aluno(a) que frequentasse escola bilíngue; como segundo critério, estar em contato diário com as língua de sinais como L2, com a possibilidade de conhecer previamente os materiais do #CasaLibras, com o intuito de diagnosticar pontos positivos e negativos das obras; como terceiro e último critério, estar contemplado na faixa etária de seis a onze (6 a 11) anos. Aos profissionais TILSP ter formação na área ou contemplar a proficiência; atuar como intérprete de forma contínua e diárias; ter vínculo ao programa #CasaLibras realizando as traduções de alguns materiais e dispor de um horário para a realização da entrevista. As alunas estarem regularmente matriculadas no curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais; haver relação ao

#CasaLibras e constar realizações de parcerias para o programa e voluntariar-se para as entrevistas. Como não conseguimos o número proposto inicialmente ficamos com seis (6) participantes que respondiam aos seguintes critérios de inclusão: as duas crianças obtiveram todos os pré-requisitos citados a cima e apresentavam um repertório muito vasto do entendimento e quais os objetivos das obras apresentadas; as duas profissionais, da mesma forma, fizeram jus a todos os requisitos e as alunas também. Na pesquisa ficamos em busca de mais uma criança, que fosse diferente das outras duas tinham o perfil de filhos ouvintes de pais surdos, para contemplar as (7) pessoas, mas devido ao distanciamento social e a inexistência de possíveis horários em comum para as entrevistas, optamos em peneirar as informações com os participantes que dispuseram a realiza-la.

3.2. - PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DA COLETA DE DADOS PARA A PESQUISA

Para que a pesquisa fosse realizada foi necessário fazer o cumprimento de todas as normas técnicas de compromisso ético com os participantes. Desta forma o projeto de pesquisa foi apresentado inicialmente para a submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), através da Plataforma Brasil, juntamente com os documentos de: Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Termo de Autorização de Uso de Imagem e Som (TAUIS), junto a Folha de Rosto emitida pela Plataforma Brasil, que criaram os termos de compromisso da instituição provedora de forma a ser assinada pela docente orientadora e pala chefe do Centro de Educação e Ciência Humanas (CECH), este que se faz atrelado ao nosso curso. Processo de aprovação da pesquisa no CAAE com n°: 46519321.0.0000.5504.

O cronograma tinha uma previsão, ao começo da pesquisa, em ser realizado em apenas um ano, em contrapartida foi necessária uma ampliação devido aos trâmites. Após a aprovação da Plataforma Brasil, iniciamos as coletas de dados, que precisou de um período muito maior que o planejado, para que conseguíssemos alcançar quase todos os dados que precisávamos e chegarmos mais próximo do desejado, tivemos imprevistos com as entrevistas, por conflitos de horários ou desmarques devido a outros compromissos, assim postergando o prazo. Na possibilidade de ter mais dados coletados com uma maior qualidade na pesquisa, sem deixar

nenhum dos entrevistados de fora optamos em fazer o uso deste tempo para o aprimoramento e realizarmos leituras e buscas mais profundas na maneira e nos processos de entendimento de como os profissionais intérpretes e alunos trabalham e organiza sua vida.

Com os dados das entrevistas, iniciamos inúmeras leituras, com o intuito de destacar os pontos mais relevantes para nosso objetivo. E para a análise usamos os embasamentos desenvolvidos no capítulo apresentados nesse trabalho que são sobre os estudos dos tradutores intérpretes de Libras e as mídias e suas relações. A princípio cada participante foi abordado de forma diferente para trazer uma ambientação virtual mais próxima sem ser de maneira engessada e com a possibilidade de complementos de sua vida pessoal.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA PRODUÇÃO DE ACESSIBILIDADE PARA O PÚBLICO INFANTIL OUVINTE

Este capítulo conterà dados abordados nos capítulos anteriores, já que retomamos a importância do profissional tradutor intérprete que faz a mensagem do emissor para os receptores criando as “pontes” para o conhecimento e gerando a comunicação; e como os meios midiáticos, principalmente no período da pandemia, influenciaram significativamente para a manutenção de trocas sociais no período do isolamento social.

Para a produção de uma análise, foram utilizados os estudos teóricos apresentados nos capítulos iniciais junto às entrevistas, que tiveram o objetivo de coletar informações distintas de cada integrante. Nas explicações, com uma maior clareza, utilizaremos o uso de recortes das falas e apresentação das perguntas semiestruturadas. As informações apresentadas pelos participantes podemos observar um aceite grande do projeto nas faixas etárias pela forma de *feedback* apresentada pelas crianças e como os profissionais encaram o trabalho destes materiais como fundamentais para desenvolvendo dos alunos e na perspectiva dos alunos de graduação a falta de uma disciplina que abranja essa temática influencia em futuramente ter dificuldade na área. Mostrando que esses dados sejam significativos para uma melhor elaboração da grade curricular dos alunos das universidades de formação.

Na entrevista com as crianças, foram selecionados participantes que fossem CODA. Segundo as pesquisas essas crianças tem propensão de estarem iniciando as atividades de

compreensão do mundo pelas Libras, mas após essa análise podemos encontrar alguns desafios encontrados por eles.

Apresentaremos neste momento a sequência de dados que agrupamos e selecionamos para as análises e que serão aqui apresentados, a partir das entrevistas realizadas com as crianças. Começamos questionando como era sua vida escolar no período da pandemia, como eles estavam com esse modelo, se gostava e depois iniciando a pesquisa de fato. Convidamos para assistirem os vídeos em conjunto para analisar o comportamento e a atenção, e questionando o seu gosto pelos vídeos.

Após a exibição introduzimos as perguntas de forma mais leve e com tom de voz amigável, tentamos não seguir as ordens das perguntas de forma rígida e para que eles pudessem falar mais o ponto de vistas deles com relação às histórias que selecionamos do #CasaLibras.

A princípio buscávamos saber quais eram as histórias do projeto que mais lhes chamavam a atenção e se tiveram contato com o projeto #CasaLibras. No desenvolvimento da pesquisa, tentamos realizar comparativos entre as histórias de maneira sonora no aspecto, que os elementos auditivos fossem influenciar de forma direta na narrativa e como essa questão influenciava nas suas vidas no momento de expor a narrativa. Nesse contexto Paim (2000, p. 104) apresenta que,

a leitura é um ato emancipatório, humanizador, transformador. É de suma importância o contato dos alunos com todos os tipos de texto. Mas, a literatura é a porta de entrada para o mundo. É a maneira como se consegue ver o mundo. É a mesma linguagem da criança, por isso ela se identifica tanto. A literatura estimula a criança a pensar, a ver o mundo, ajuda a se conhecer porque o momento em que ela se identifica com os personagens, vive toda a história na perspectiva da personagem. [...].

Nas escolhas das histórias tentamos coloca-las de maneira que fosse primeiro de uma criança surda, para a outra criança ouvinte, usando os recursos visuais para chamar a atenção, depois uma que fosse contada por um professor surdo e que tinha como apoio o próprio livro como recurso de imagem para a criança ouvinte. A terceira história apresentada para crianças a narrativa foi feita por uma professora ouvinte, pedagoga, que obteve contato durante a vida com várias crianças, de faixas etárias diferentes e conhecimento em educação bilíngue e inclusiva e por último, a terceira narrativa, selecionamos um professor ouvinte, que obtém contato constante com crianças e que traz na história do público ouvinte para os surdos.

Através dos estudos, houve anteriormente a hipótese de que, apenas o público surdo conseguiria contemplar de forma assertiva o público ouvinte com todos os conhecimentos da língua de sinais e junto com a complementação do recurso imagéticos, mas podemos notar, no decorrer da entrevista, que a história escolhida pelos participantes CODAs foi a narrativa em

Libras i realizada por uma professora ouvinte, em uma adaptação da contação que tem como fonte a cultura ouvinte. As escolhas se deram pela narrativa, a qualidade das imagens, os recursos não verbais, bem como o modo interativo em que se deu a tradução. A oportunidade da criança ouvinte ao mesmo tempo em que vê uma produção literária, estar em contato com a língua de sinais, principalmente por ser filho de surdo, é uma proposta interessante e que foi reafirmado pelas crianças CODAs no decorrer da entrevista.

Desta maneira, a Literatura Infantil é essencial no âmbito escolar devido ao fornecimento de condições à formação da criança, visando aprimorar a criatividade e o pensamento crítico. Constitui-se em um elemento que representa o mundo e a vida através das palavras, deixando a imaginação, o gosto pela leitura e a aprendizagem entrelaçados. A Literatura Infantil também contribui, conforme defende Oliveira (2010, p. 41), para a “formação da criança em todos os aspectos, especialmente na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, garantindo a reflexão sobre seus próprios valores e crenças, como também os da sociedade a que pertence (SANTANA; PINTO, 2020, p. 4)

Apresento esse recorte da entrevista com a escolha da melhor narrativa em Libras, após ser apresentado às opções que selecionamos.

“eu achei essa daqui mais legal, porque está tudo em Libras” – você gostou mais dos elementos ou com os desenhos?

Resposta: “é mais o meu jeito da louca, do gato em cima do cachorro que tem a pulga que picou o rato que mordeu o gato que arranhou o cachorro e que o menino deu um surto na vó e quebrou a cama então foi meio bagunçado assim”

(CODA 1, questionário da entrevista, 2021)

A narrativa o encantou, ou seja, o participante CODA 1 aponta elementos de sua hibridização com o conteúdo narrado, traz elementos audiovisuais e das escolhas tradutórias feitas na língua portuguesa. Portanto, tanto ele se viu capturado pela produção em Libras, como pelo modo da narrativa feita na língua portuguesa. Nesse ponto em que ele apresenta o uso das mãos para exemplificar a bagunça relacionada ao som e como isso traz ritmo, algo que no desenvolvimento infantil para o ensinamento de sílabas e vogais são utilizados bastante no campo da pedagogia, e algo que a contadora da história e narradora dela usa com clareza na sonorização, assim aguçando e entretendo as crianças ouvintes desta faixa etária.

Apresentamos dados relativos a outra faixa etária, que não a descrita inicialmente porque em uma das entrevistas com o CODA 1, no momento da entrevista, foi nossa solicitado ter a presença de seu irmão, criança com três anos de idade. Como havia autorização dos responsáveis, aceitamos a sua participação na pesquisa. A criança também trouxe suas percepções sobre os desenhos e o mais interessante foi perceber que ele conseguiu ficar atento,

e demonstrou empolgação ao responder às perguntas relativas à pesquisa. Trouxe uma maior ênfase em relação a história contada pela criança surda e com os recursos visuais. Entrelaçando neste ponto analisamos o segundo CODA que apresentou seu maior interesse nas histórias que teve aplicabilidade de imagens e efeitos sonoros mais evidentes, mas que também é uma releitura vinda da cultura ouvinte, e explicando o real motivo de sua escolha:

Qual das duas você gostou mais?

“eu gostei mais da história dos três porquinhos!”

Agora entre as duas o que achou de diferentes?

“eu gosto mais das imagens porque são desenhos, e eu gosto de pintar e desenhar “

Então se for pra você contar a história dos três porquinhos você usaria as imagens?

“sim!”

Tem alguma coisa que você não gostou da história?

“nada”

Das duas histórias você as achou legais?

“sim!”

Qual é a história que você gosta?

“De Pokémon!”

(CODA 2, questionamento da pesquisa, 2021)

Adotamos um vocabulário menos formal e mais simples, de maneira que tornasse mais didático e de fácil compreensão para a criança, permitindo então a obtenção das informações e escolhas, sem perguntas fechadas. Infelizmente pela pouca idade dos participantes, não conseguimos apresentar todas as quatro histórias, conforme programação inicial, devido a inquietação ou a dificuldade na manutenção de foco necessário. Houve então uma tentativa de continuidade com o participante, mas devido à ausência de um horário comum a todos, não foi possível compartilhar todos os vídeos previstos para a atividade. Dessa maneira, nós restringimos a analisar apenas os vídeos 1 e 2, com a criança de seis (6) anos; com a criança de dez (10) anos, ponderamos sobre os vídeos 1, 2 e adicionamos, com adição do vídeo de número 3, mas que após primeiras análises, não demonstrou relevância suficiente na opinião do entrevistado.

Objetivamos analisar o ponto de vista dos entrevistados com relação ao uso dos sons e a possível influência, de maneira direta, na contação e a possibilidade de encontrar opiniões distintas, porém, devido à pouca idade e limitação de aprofundamento, os elementos que de fato chamaram a atenção foram apenas sobre a narrativa e nuances, que cada interprete incorporou no momento da contação da história. Isso ficou evidente a partir da seguinte pergunta no diálogo transcrito sobre a “Casa sonolenta”, onde utilizou-se efeitos sonoros que tinham como elemento

de fundo, uma sonoplastia rítmica do início ao meio, mais acelerado do meio ao fim, mas não desempenhando sentido para a criança:

E você acha que o som foi, na hora que você escuta, você sentiu sono junto com a música?

Resposta: “não, dá um pouquinho de sono ali, mas foi legal “

Você acha que ela contando a história devagar foi legal, ou acha que deveria ter contado mais rápido?

Resposta: “não foi bom até “

De 0 a 10 qual nota você daria pra essa?

Resposta: “11”

Qual o ponto que achou mais legal?

Resposta: “a bagunça ali”

E nessa segunda história, você prestou mais atenção aos elementos da Libras ou o contexto? Você acha se não tivesse o som, você conseguiria entender?

Resposta: “sim, pelas Libras sim, na verdade prestei a atenção no desenho e nas Libras, então em um todo ali”

(CODA 1, questionamento da pesquisa,2021)

Após apresentar a casa sonolenta para a criança 1 (um), foi apresentado a contação do “Patinho Surdo” (vídeo três), questionado sobre a história e quais os pontos que ela transmite na visão dele. Neste vídeo ele analisou de forma mais profunda e em qual contexto poderia ser usado, como isso influência na vida dos amigos e pessoas ao seu redor.

O que você achou da tradução?

“escutei ... uma fazendo Libras e outra falando por cima”

Você tem contato com a Libras desde criança, se fosse para você contar a história, contaria igual foi contado?

“Sim seria mais legal por que o patinho é surdo e fazer ali, um contexto também em Libras sabe, e também para as pessoas aprenderem Libras e entenderem a Libras”

(CODA 1, questionamento da pesquisa,2021)

Com a criança 2 (dois), não foi possível chegar neste ponto de descrição dos efeitos da trilha sonora ou atenção dos elementos sonoros, pela impaciência após assistir o segundo vídeo, pois ela iniciou um processo de vinculação com o meio a qual ela já possui seu entretenimento, do universo dos ouvintes. Entretanto, foi factível coletar este dado, com relação a segunda escolha, partindo de motivo plausível no final da entrevista:

Você gosta de inglês? Que legal! E você, conhece alguma história em inglês legal que a tia conta, ou você está aprendendo ainda? Começando algumas palavras?

“ela ainda não conta a história inglês para mim, mas eu vou aprender inglês aí quando a gente aprender inglês. Aí que a gente vai ver, aí que a gente vai ler um livro em inglês. Eu também entendo um pouco de inglês, um, eu vou colocar até uma legenda inglês.

Qual que é mais fácil, o inglês ou a Libras?

O meu é inglês.

Você acha mais fácil falar inglês do que falar em Libras?

“Sim.”

Mas você contaria história em Libras ou inglês?

“Eu acho que em Libras!”

(CODA 2, questionamento da pesquisa, 2021)

Podemos ponderar uma perspectiva não analisada antes, mas após os dados, de como as línguas se entrelaçam em uma criança, aliada à facilidade do aprendizado, possibilita que ela administre suas escolhas linguísticas, apresentando uma maior abrangência de comunicação, uma questão levantada no início do projeto.

Em uma segunda tentativa de imersão com as histórias, iniciou-se uma tentativa de relacionar as histórias já conhecidas por elas e como elas contariam, se havia alguma em especial para ser contada que não foi apresentada, mas seria do interesse deles. Cada um escolheu:

Se fosse para você contar você teria alguma história que você gosta muito qual seria?

“Acho que a história do João e o pé de feijão “

O que mais te atrai nessa história do João e o pé de feijão?

“O João morava com uma família muito pobre, ai ele morava em uma fazenda, ai ele foi com a vaca dele na cidade vender ela, ai um homem velhinho falou: - eu troco essa vaca por esses feijões mágicos. Ai ele trocou e plantou esse pé. do nada começou a crescer muito, ai quando ele subiu no pé, tinha um castelo lá que tinha uma galinha que botava ovos de ouro, ai ele pegou a galinha e fugiu de lá e ganhou uma galinha que botava ovo”.

(CODA 1, questionamento da pesquisa,2021)

Ao questionar sobre a história que teria a possibilidade se ser contada pelas crianças e quais recursos utilizariam, contar em Libras ou em português, qual seria o formato apresentado? Qual história do projeto se aproximaria mais do “estilo pessoal” de cada um e se no contexto de audiovisual, quais elementos sonoros seriam necessários? Averiguando as informações, concluiu-se que devido a pouca convivência com as histórias que utilizam recursos imaginários,

eles ainda trazem enraizado o modelo tradicional de contação, baseado em apenas um narrador central apresentando a história e a utilização de performances como artifício intensificador da narrativa. Isso é reforçado embasando-se em alguns estudos existentes sobre a Libras considerada como “estrangeira” para os ouvintes:

Uma —língua estrangeiral em seu sentido mais amplo, pois sabemos que a comunidade majoritária ouvinte pertence a uma tradição oral – e aqui não me refiro em oposição à modalidade escrita – que concebe a língua no sentido vocal-auditivo e não espaço-visual. Ao tratar a relação dos ouvintes com a LS como —estrangeiral não estou levando em consideração somente questões de modalidades distintas, bem como o fato de a LS pertencer a uma minoria linguística —invisível, e que não é falada e entendida na sociedade brasileira (cf. Cavalcanti, 1999a). Afinal, seria um paradoxo chamar de —estrangeiral uma língua Brasileira de sinais, língua esta que está contemplada – juntamente com mais de 200 línguas – no Livro de Registros das Línguas. Enfim, o uso (sempre entre aspas) da palavra —estrangeiral para fazer reflexões em torno da LS é – no sentido de De Certeau (1994) – uma —tática/estratégial que lanço mão para sensibilizar e pontuar o quão alheia é a língua de sinais para a maioria dos ouvintes... (GESSER, 2006, p. 67).

Apresentamos aqui, na transcrição da contação, todos os elementos que o discurso da oratória permite, como vícios de linguagem, pausas expressivas para organização de ideias e elaboração do falar.

“Era Uma Vez, um sapo bem azulzinho, ai, ele tinha um olho vermelho com branco e o outro também era vermelho com branco. Aí um dia ele cresceu. E criou unhas, três unhas em cada pata. Só três unhas em cada paca. Aí chegou um dia bem legal, que era um dia muito especial para ele. Sabe qual era? Era o dia da transformação dos sapos. Os sapos eles podem virar Pokémon também o dia de qualquer animal virar Pokémon. Aí, o sapo azul que tinha olhos vermelhos ele caiu um monte de folhas nele! Uma aqui na testa, uma que grande, outra pequenininha desse lado e outra média desse lado (apontando para os pontos da testa direta e depois esquerda) Ai depois ele pegou, tipo, uma planta tipo uma flor verde, que ainda não estava, que ainda não estava aberta. Aí ele pegou, colocou nas costas dele. Aí sabe o que aconteceu? O dia depois aconteceu uma coisa muito legal quando ele dormiu e acordou, aconteceu uma coisa muito, muito legal.

O que aconteceu... agora estou curiosa! (interação com a criança)
“Ele virou um, o Bulbasaur”

(CODA 2, questionamento da pesquisa, 2021)

Com as contações realizadas pelas crianças, pode-se notar a quantidade de detalhamentos, mas tudo de maneira sequencial estabelecida através da imaginação eles, nenhum deles emitiu nenhuma onomatopeia ou mesmo de maneira corporal, pois o principal objetivo era apresentar a história. A partir disso vamos começar analisando a forma como os profissionais da área tem uma outra visão pra o estilo de contação e afirmas que. “[.] A literatura é importante para o desenvolvimento da criatividade e do emocional infantil. Quando as crianças ouvem histórias,

passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo[...]” (MUNEVECK, 2010, p.24).

Um dos pontos colocados na pesquisa era a forma enunciativa da mensagem em transpassar da língua de sinais para à tradução da língua portuguesa e conseguimos observar que atingimos esse objetivo de produção para esse público, podendo-se evidente devido aos relatos apresentados por eles, e complementando com a possibilidade de propagação destes matérias através deles em conjunto a viabilidade de poderem interagir não apenas com a língua portuguesa:

Então você contaria as histórias do Bulbasaur na sua escola em Libras?
“Não, mas não tem a história Bulbasaur em Libras. Eu posso inventar alguma ou eu posso. Eu posso fazer um livro de papel e escrever as histórias.”
(CODA 2, questionamento da pesquisa, 2021)

Começaremos a análise das respostas dos profissionais interpretes de Libras e em seguida faremos um comparativo com as respostas das graduandas do curso TILSP.

Iniciamos apresentando os vídeos das contações do #CasaLibras, as entrevistas tiveram uma média de 45 minutos e com a possibilidade de atenção, sem interrupções ou distrações durante as entrevistas.

Apresentamos as diferenças com questões da área de formação delas: quais pontos foram relevantes durante sua trajetória e como isso influenciou em suas respectivas devolutivas das questões. A primeira pergunta é sobre a fidelidade da transmissão da língua fonte para língua alvo e se todas as histórias contemplavam. Cada uma obteve uma resposta com suas justificativas:

Foram realizados de forma fiel para Libras?

A gente nunca. Faz de forma fiel, né? A gente tenta trazer um. O elemento principal, que aquele texto não é em indo visual produz, porém, alguns ajustes precisam ser feitos para que se adeque, né!

A língua portuguesa que fique é auditivamente bacana, né! Pensando se o público é criança. Mesmo a contação é sendo voltadas para a criança.

Teve elementos ali que precisou desse ajuste, né! Da língua portuguesa para ficar de modo sonoro, bacana para as crianças.

(entrevistada 1, questionário da pesquisa, 2022)

Você acha que as transições foram realizadas de forma fiel a Libras?

É quando você diz fiel, significa assim, que você... não sei... o que pensou?

Eu acho que eu quis dizer no sentido de. É tudo o que está nas Libras foram traduzidos para o português.

Sim, em termos de conteúdo, todas as a que a sinalização mostra aparece na voz. Algumas coisas de diferente eu vejo como estratégias. Acho que teve um vídeo, só que agora assistindo eu fiquei um pouco na dúvida.

E do conteúdo?

Nesse sentido assim, mas parece que houve uma troca a narrativa em Libras não ficou tão clara assim. Então acho que isso pode ter ocasionado ali uma confusão na hora da tradução, mas no geral das histórias que eu assisti agora de conteúdos, tudo foi sinalizado apareceu na voz de formas diferentes, cada tradutor utilizou uma estratégia diferente. Tem tradutor aqui, usou incorporação, é dos personagens na voz. Teve tradutora que fez a contação mais na terceira pessoa mais impessoal é teve as contação que era uma tradução inversa, porque era um texto a base, foi um texto em português e aí a tradutora fez para Libras. Então, ao que ela está dizendo na voz, não é uma tradução, é uma é o texto original. O então são materiais diferentes. Assim, em termos de que a história é passar, do que é de conteúdo da história foi transmitido na tradução e nessa que era o na versão contrária também.

(entrevistada 2, questionário da pesquisa, 2022)

Verifica-se que as divergências na fala com relação às respostas, mesmo que ambas tenham em seu currículo a parte pedagógica empregada. Uma expõe a forma do discurso e como os elementos da incorporação são essências, enquanto a outra apresenta a necessidade das fontes base para adequação do conteúdo. Fazendo-se assim a análise de que a trajetória e os meios anteriores de agregar conhecimentos, influenciam na promoção da interpretação em Libras, desta forma podendo mais uma vez afirmar como os cursos tem a necessidade de conseguir reduzir essas diferenças no momento de realização de ideias.

Perante as respostas, podemos ter fácil compreensão qual profissional mostra marcas de experiência por estar anos no meio e ter certificação que comprove (ProLibras)², e outra que obteve seu conhecimento da área por meio do curso e a maneira como atingiu o seu potencial máximo, proporcionado pelo curso de bacharelado TILSP e quais desafios precisou passar após a conclusão dele.

Foi questionado, com relação aos desafios para a realização da tradução voz para as crianças e como a sua carreira profissional obtinha uma relevância nas performances. Em um comparativo temos a evidencia que a carreira de intérprete é a fonte principal, mostrando veracidade na sua fala e as estratégias usadas para com elas, enquanto a outra tenta explicar a importância do aproximar da criança e no ponto de vista da formada pela universidade mesmo com atuação na área mostra dificuldades na transposição de conteúdo por se tratar de culturas

² O exame ProLibras certifica o tradutor-intérprete de língua de sinais para atuar em diferentes contextos de tradução e interpretação. No entanto, a formação nessa área é fundamental, pois a função desse profissional exige profissionalismo e preceitos éticos, uma vez que eles intermediam relações entre pessoas que usam diferentes línguas e tomam a palavra do outro para passar a outro (QUADROS, 2007).

diferentes.

A segunda entrevistada mostra como acontece essas diferenças auditivas na contação e mostra maior ênfase em quais elementos precisa-se contemplado, e analisa a distribuição na narrativa, mostrando as principais variações de estilos para cada contação de história.

Para o uso do material de base, a técnica empregada e qual a relevância para com eles, neste ponto as duas tiveram o mesmo parecer sobre a necessidade do uso, os meios que utilizam para retirar as informações, as estratégias que aprimoram para identificar o público infantil ouvinte e como a troca de conhecimento auxilia na produção da tradução, desta forma mostrando que o curso conseguiu contemplar algo semelhante aos profissionais que atuam e continuam com estratégias que apresenta resultados positivos na execução.

Na interrogação subsequente, quais eram as dificuldades para as mudanças do vocabulário para as crianças e se através das mídias apresentadas conseguisse expor alguma adaptação que não conseguiu cumprir-se de maneira a deixar os termos formalizados do meio acadêmico. As respostas se comparam e entram em igualdade, pois coloca que as personificações e adequações ocorrem em todo o processo dos vídeos, porém na história do Patinho Surdo, na tradução voz apresenta o mesmo ponto da tradução que não mostrou essa proximidade aos pequenos usando termo da instituição. Diagnostica-se que o emprego das palavras do ensino superior também gerou um parecer dos graduandos com uso indevido, mas que não desqualificasse o trabalho ou a compreensão da história para com este público, ponto a incluir nas análise dos discursos das discentes. Sobre a importância da personificação, e a prosódia personificada para o público infantil ouvinte, as pesquisas voltadas à área da literatura infantil, apontam que as estratégias lúdicas com o som e as imagens, são fatores que produzem um sentimento de afeto e de realismo para as produções (ZILBERMAN; LAJOLO, 1993; ZILBERMAN, 2003; ZILBERMAN, 2004). A leitura pode despertar um campo formativo importante para a criança, e no caso da produção do #CasaLibras, a narrativa se coloca como uma leitura ouvida, uma imersão no imaginário simbólico:

A leitura literária, quando trabalhada na escola, é uma janela para o mundo da imaginação, podendo ser recriada e reinventada pelos leitores. Nesse caminho, Coelho (2000, p. 46) assevera que “como objeto que provoca emoções, dá prazer e diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a Literatura é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da Pedagogia”. É pertinente que a Literatura Infantil seja inserida no contexto do ensino-aprendizagem, para que desperte na criança tanto o hábito de leitura quanto o mundo mágico da criatividade e da imaginação (SANTANA; PINTO, 2020, p. 3).

Finalizamos à entrevista com as interpretes questionando quais as barreiras, a primeira

entrevistada apresenta que não obteve e desenvolve uma estratégia usada no trabalho para desempenhar melhor e pontua quais os desafios na tradução voz que é o desconhecimento do emissor da mensagem em Libras. A segunda entrevistada relata variedade delas tanto do vocabulário e tempos, tanto de estrutura e área de trabalho. Começa colocando o desafio a sincronização do tempo e palavras coerentes ao texto elaborado e traduzido:

“Alguma coisa assim, por exemplo, o tempo da contação em Libras e às vezes, para você encaixar o texto em português é um pouco difícil, porque ou as Libras são ditas muito rápidas em português, você precisa de uma frase longa e você tem que falar rápido e pensar alguma forma de falar de um jeito que não fique embolado, também a pessoa ouvir e entender o que está sendo dito. É nesse sentido a Libras também é? A pessoa repete, repete. O mesmo sinal, em português parece que não vai aí, você vai dando uma complementada para poder preencher o espaço e não ficar tanto tempo no silêncio.”

(entrevistada 2, questionário da pesquisa, 2022)

Relata também, a segunda entrevistada, a parte estrutural que durante a pandemia impediu ter o melhor desempenho, pois as gravações precisavam-se de ambiente silencioso para transmitir a clareza das palavras e contemplar toda a narrativa sem interrupções, para este feito ela obtinha essa qualidade de ambiente apenas no período noturno, mesmo que de maneira rápida.

A seguir relatamos as formas de coleta para a pesquisa a partir das respostas realizada pelas alunas de graduação da instituição de ensino superior, que abrangeram nos seus currículos acadêmico o #CasaLibras e que se despuseram de seu tempo para realização desta.

As questões apresentadas para as graduandas são semelhantes aos das profissionais TILSP iniciando pela pergunta sobre a fidelidade das Libras na tradução voz e trazem perspectivas diferentes, uma afirmar de forma sucinta a autenticidade das Libras e que o sentido não é deturpado; no ponto de vista da segunda que não ocorre está lealdade devido as influências de culturas distintas e justifica a importância que devido a ter um público em específico precisa realizar as adaptações e volta a afirmar a não totalidade de lealdade.

Ao decorrer da entrevista é direcionada a pergunta sobre os desafios das traduções referente a formação específica para a atividade de tradução para crianças ouvintes e sobre as questões de formações técnicas, trazendo seus pontos de vista ambas tiveram no momento do questionamento o mesmo resultado sobre a dificuldade de realizar as adaptações e argumentaram como a instituição traz um vocabulário não apenas formal, mas com normas que agrega apenas o meio e exemplifica a indispensável utilização do corpo para traspor a mensagem de forma a incorpora-la e atingir a todos.

Perante as respostas colocamos, em seguida, de que modo as quatro mídias apresentadas, em suas perspectivas, conseguiram alcançar estas adaptações que jus terem dificuldade de realizar. O retorno é distinto, pois a primeira aluna tem um parecer semelhante a intérprete um, sobre a formalidade usada na contação de história do Patinho Surdo, mas também afirma, que a mensagem do conto foi passada por completo e os outros contemplaram sem desvio o de formalidade:

“É a mãe pata sinalizando”, só que sinalizando a gente que é da área sabe o que é, mas a criança não vai saber.

(aluna 1, questionário da pesquisa, 2022)

No entendimento da segunda graduanda, todos fizeram a incorporação devida e não utilizou nenhum termo que possa ser considerado inadequado para o contexto infantil, mas que em outros matérias do #CasaLibras aconteceu o desparamento das escolhas entre o contador da história em Libras e a pessoa que realiza a tradução voz.

Após essas análises abordamos nesta parte da pesquisa o posicionamento em consideração ao curso de tradução e interpretação se o bacharelado TILSP contempla a questão de adaptações ou se a negligência afeta o profissional intérprete de maneira a conseguir adquirir esses conhecimentos nos trabalhos futuros. Elas trazem o mesmo discurso na resposta sobre a falta de um aprofundamento sobre as adaptações vindo das Libras para o português e usa como estratégia os saberes realizados anteriormente pelo teatro e outro que considera o mercado de trabalho mais difícil, mas que aprendeu na prática, enfatizando como seria melhor esse conteúdo vindo da UFSCar. Relata que tem cursos de complementação na universidade, porém não na grade de obrigatoriedade do aluno explica também que não tem conhecimento com relação às outras formações das outras universidades do Brasil para saber se é uma falta apenas na UFSCar ou em outras instituições de ensino.

questionamos sobre a atuação em parceria e como elas são contempladas, entre as respostas pode-se dizer que devido as outras disciplinas do curso colocarem esse ponto de coleguismo e troca de informação apresento que essa parte foi considerado e para um comparativo obtivemos essas mesmas respostas vindas das profissionais TILSP.

Finaliza-se questionando as barreiras no momento da produção, pois as duas realizaram as traduções em matérias do #CasaLibra, a primeira aluna expõe sua dificuldade estruturais devido a pandemia sendo equiparada a resposta da segunda intérprete sobre relacionar o termo “barreira” como algo físico e explicando a dificuldade de realizar as gravações com os matérias dispostos ao seu alcance e que acontecia de realiza-las apenas no período noturno; a segunda

conduz a entrevista para as barreiras de escolhas tradutórias, dado que não tem um escopo muito grande de palavras e repertório, mas utilizou das parcerias dos profissionais pra desenvolvimento do trabalho. Podendo-se assim vincular com trajetória dos profissionais TILSP, antes colocados como assistenciais e enviesado para uma função de sem prioridade, mas que ordinariamente continua apresentando desafios a quais os profissionais

[...] há que se considerar que com esse novo desenho social para o trabalho do tradutor e do intérprete de língua de sinais no Brasil, bem como a demanda recorrente de formação em nível superior, os formadores e os currículos dos cursos devem cuidar e ter ciência que receberão alunos não falantes de Libras. Assim, apontamos, ainda, a necessidade de priorizar o ensino desta língua não apenas no espaço acadêmico, mas a de promover um intercâmbio real, vivo e profícuo entre as comunidades surdas e a universidade, visando, com isso, formar profissionais que corroborem e se articulem com a realidade surda e com as suas necessidades de comunicação (MARTINS; NASCIMENTO, 2015, p.104).

Subsequente na última fase da entrevista é colocado em pauta, o uso desses materiais e se teria formas de divulgação, como foi apresentado para as crianças que afirmaram o interesse em difundir essas produções, as alunas concordam e afirma que não apenas para o público infantil e sim toda a população de magnitude a explicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DESTE ESTUDO

Com a iniciativa dos docentes da UFSCar, Profa. Vanessa Martins e Prof. Guilherme Nichols, nasce o Programa #CasaLibra, um meio midiático, para o ensinamento e entretenimento das crianças surdas durante o isolamento social da COVID-19, foi possível construir um projeto e produzir esse trabalho de conclusão de curso apresentado. E trago este estudo como um começo para o universo da pesquisa e que poderão a ser desenvolvidas outras, aprofundando o tema aberto. Com as coletas pudemos ter um breve parecer sobre a percepção dos entrevistados acerca do conteúdo midiático, tanto dos que auxiliaram a construção pela tradução para a língua portuguesa, tanto dos sujeitos que são objetos de recepção da produção midiática do programa. Objetivamos pensar sobre as traduções para a língua portuguesa voltadas ao público infantil ouvinte, marcando os desafios que foi colocado não apenas na forma da elaboração dos conteúdos, mas também todas as questões de estrutura física durante este período.

A atividade dos profissionais tradutores e intérpretes gera um impacto social muito relevante para a retirada de barreiras comunicacionais e o provimento de conhecimento de mundo para aqueles que, sem eles, não teriam acesso ao conteúdo apresentado. Nesse trabalho apresenta-se fatos memoráveis da história das lutas e os alcances que foram realizados e como a trajetória dos profissionais aconteceu ao longo dos anos. Emprega-se por meio de entrevista dos profissionais e alunas de graduação da UFSCar para ampliar o desempenho feito e as maneiras que as futuras mãos de obras possa vir a oferecer aos públicos.

O objetivo de apresentarem-se os pontos de positividade e negligências foram contemplados, por meio das pesquisas, e relatadas nos dados no capítulo anterior. Desta forma, recapitulando sobre a maneira de acolhimento para com os materiais perante as crianças, os desafios que geraram para os TILSP tanto estruturais como de contextualização para o benefício dos usuários das obras e reforça os proveitos vindo dos frutos do programa #CasaLibras.

Em síntese, os métodos utilizados foram os mais apropriados para obtenção de informação no período em que o distanciamento social era preciso, desta forma usando plataformas virtuais e programas que conseguem realizar as gravações dos dados para melhores peneiramentos das informações. O cumprimento das interações para as conversas com os participantes foi de extrema importância o comportamento do entrevistado para a conduta da fala do entrevistador. Afirma-se que com os ajustes feitos e as marcações e cumprimento dos horários fizeram-se uma dinâmica de forma fluida e que não obtivesse nenhuma forma de desconforto ou trouxesse anseio do término. Cada entrevistado traz suas particularidades e bases

curriculares apresentando a importância de uma boa formação para o mercado de trabalho.

Percebe-se que o curso de graduação tem como objetivo formar tradutores intérprete de Libras, e pode-se mostrar um dos maiores desafios é a dificuldade de transpor não apenas do português para Libras, mas a interpretação inversa, estes dados foram desenvolvidos provados, mas de maneira rasa pelas entrevistas. Joga-se necessário um maior escopo para trazer uma exatidão a respeito deste ponto abordado, mas que trouxeram grandes resultados para futuras pesquisas da área que relaciona as obras realizadas pelo #CasaLibras.

REFERÊNCIA

ASSIS SILVA, C. A. de. **Cultura Surda: agentes religiosos e a construção da identidade**. São Paulo: Terceiro nome, 2012.

BONFIM, Tatiane Cristina. A casa sonolenta. In: [#CasaLibras](#). [Conto publicado em vídeo, 6m33s]. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/xzKWY0giHaQ> Acesso em: 25 de set. 2022.

Brasil. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Disponível em: <[BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <\[http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm\]\(http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm\)>. Acesso 03 jan. 2021.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2010/Lei/L12319.htm#:~:text=Regulamenta%20a%20profiss%C3%A3o%20de%20Tradutor,Art.>. Acesso em 02 jan. 2021.</p></div><div data-bbox=)

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em 28 dez.2020.

CAMARGO, Ana Cláudia dos Santos. Concurso público para intérprete educacional: saberes determinados para os candidatos – conjuntura nacional. In: ALBRES, Neiva de Aquino e

CONDILLAC, É. B., **Ensaio sobre a origem dos conhecimentos humanos: Arte de escrever.**, cit., pág. 327-328 São Paulo, Editora Unesp, 2018.

GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado inédita, Campinas: Unicamp, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6a ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso e 05 de jan. 2021

Fluxograma- Bacharelado em Letras: Português-Libras. **Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://www.portal.letras.ufrj.br/graduacao/cursos-de-graduacao/letras-Libras.html>>. Acesso em: 28 dez. 2020.

https://www.youtube.com/watch?v=1BahR0kmtCA&ab_channel=LetrasLibras>. Acesso em 19 out. 2020.

MARCHARK, Marc (2002). “*Foundations of communications of the emergence of language in deaf children*”. In: MORGAN, Gary; WOLL, Benicie. Directions in sign language acquisition. Vol. 2. Amsterdam: John Benjamins, pág. 1-28.

MARTINS, V.R.O; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. IN: RODRIGUES, C.H; QUADROS, R.M.de. (ORGs). **Cadernos de Tradução**. V. 35. N. 2. DLLE, UFSC: Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p78/30709> . Acesso em: 25 de set. de 2022

MUNEVECK, Aurora Grasiela. **Literatura Infantil: Entre o real e a fantasia**. 2010. 63p. Monografia de Conclusão do Curso (Pedagogia) - FAI Faculdades, Itapiranga, 2010.

NASCIMENTO. João Pedro de Oliveira. Os três porquinhos. In: [#CasaLibras](#). [Conto publicado em vídeo, 8m30s]. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/NMWrn61ZCFw> Acesso em: 25 de set. de 2022

NASCIEMNTO,V., **Janelas de Libras e gêneros do discurso: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais** pág. 479. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/kJrDfHvSNDXtndcD9Kh6pby/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 22 de set de 2022

NAVES, J., “*Cinema inclusivo: soluções diferenciadas para uma comunicação mais abrangente*”. **Revista Diversidades**, 24. Região Autónoma da Madeira: Secretaria Regional de Educação e Cultura / Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação / Direção de Serviços de Apoio, Gestão de Recursos e Investigação.pp.22-24. ISSN:1646-1819. Disponível em:http://www.madeiraedu.pt/Portals/7/pdf/revista_diversidades/revistadiversidades_24.pdf]. Acesso em: 21 de abr. 2019.

Oliveira, M. K., **Vygotsky aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. cit., pág.65. Disponível em:

<[https://www.academia.edu/38297059/OLIVEIRA Marta Kohl Vygotsky aprendiza do e desenvolvimento um processo s%C3%B3cio-hist%C3%B3rico.pdf](https://www.academia.edu/38297059/OLIVEIRA_Marta_Kohl_Vygotsky_aprendiza_do_e_desenvolvimento_um_processo_s%C3%B3cio-hist%C3%B3rico.pdf)>. Acesso em: 12 set. 2020.

OMS estima que 900 milhões poderão sofrer de surdez em 30 anos. 1 vídeo (1 min e 57 segs.) Publicado pelo canal **TV Brasil** em 26/09/2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Pou7ftkBIws>> Acesso em: 26 abril 2021.

PAIM, Jame Mari. **Da sedução do professor pela literatura à sedução do aluno**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

População Brasileira é composta por mais de 10 milhões de pessoas surda. **G1**, Conhecimento transforma, 2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/especial-publicitario/ubm/conhecimento-transforma/noticia/2020/02/12/populacao-brasileira-e-composta-por-mais-de-10-milhoes-de-pessoas-surdas.ghtml>>. Acesso em 03 jan. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa. 2. ed. Brasília: MEC; **SEESP**. p 93. 2007.

Rev. Educ. Espec., Santa Maria, v. 24, n. 41, p. 427-440, set./dez. 2011 Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 21 de mar. 2019.

SILVA, Wilson Santos; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. Patinho Surdo. In: **#CasaLibras**. [Conto publicado em vídeo, 11m54s]. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/oWB8aZjcSTU> Acesso em: 25 de set. de 2022

SANTANA, PINTO A literatura infantil como um recurso pedagógico indispensável. cit. pág. 4. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a20v41n09/a20v41n09p13.pdf>. Acesso em: 23 de set. 2022.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **LIBRAS EM ESTUDO: tradução interpretação**. São Paulo: FENEIS, pág. 75-108, 2012

SANTOS, Denis Pereira dos. Os sapatinhos vermelhos. In: **#CasaLibras**. [Contos publicado em vídeo, 10m17s]. São Carlos: UFSCar, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hMbFP3FSeo0> Acesso em: 25 de set. de 2022.

Projeto Proex: Atenção bilíngue virtual para crianças surdas em meio à pandemia do "Coronavírus" – COVID-19 [#CasaLibras]. TILSP. Disponível em: <http://www.tilsp.ufscar.br/galeria_videos_tilsp.html>. Acesso em: 01 de jan. 2021

VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente.*, cit., pág. 101. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

ZILBERMAN, R. & LAJOLO, M. **Um Brasil para Crianças: para conhecer a Literatura Infantil brasileira: histórias, autores e textos.** São Paulo: Global. 1993

ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola.** 11. ed. São Paulo: Global. 2003

_____. **A Leitura do Brasil: suas histórias e suas instituições.** Rio de Janeiro: Ática. 2004

ANEXO A – Parecer consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ATUAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS NA ACESSIBILIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA CRIANÇAS OUVINTES

Pesquisador: Vanessa Regina de Oliveira Martins

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 48519321.0.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.869.972

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1747342.pdf, de 30/06/2021) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto_Thayna_Revisado_Vanessa_FINAL.pdf, de 30/06/2021): RESUMO, HIPÓTESE (se houver), METODOLOGIA, CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.

Resumo:

A acessibilidade é um desafio imenso a ser conquistado quando se pensa em uma sociedade inclusiva e com equidade de práticas sociais. Quando se fala em acesso às informações ao público infantil surdo esse desafio fica mais evidente. As produções em língua de sinais têm aumentado nos últimos anos, mas carecemos ainda de análises de seu uso tanto para crianças surdas, quanto para crianças ouvintes, as quais também devem ter acesso a interações em Libras para o favorecimento de uma sociedade inclusiva. Como produção a essa finalidade, esse projeto de pesquisa terá o intuito de pensar a interação e recepção de materiais em Libras ao público infantil ouvinte. O projeto será desenvolvido em atendimento à exigência para finalização do curso de bacharelado em tradução e interpretação em Libras e Língua Portuguesa (TILSP) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A pesquisa proposta objetiva refletir sobre os desafios e as ações desenvolvidas

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3351-9885

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.869.972

por tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/ Língua Portuguesa (LP) na promoção de acessibilidade linguística, na modalidade oral da língua portuguesa, às crianças ouvintes (filhas de surdos, com irmãos surdos e estudantes em escolas bilíngues Libras/LP) em uma atividade de extensão nomeada por #CasaLibras. Considerando a necessidade de avaliação dos caminhos dessa acessibilidade e a ação de TILSP com a acessibilidade ou público infantil ouvinte a pesquisa se propõe a um estudo qualitativo, com intuito de abordar a inclusão ou a falta dela, nos meios midiáticos utilizando como dados metodológicos o projeto de extensão social mencionado #CasaLibras. Trata-se de um estudo de caso sobre a tradução na modalidade oral da língua portuguesa, em contexto midiático infantil, os desafios profissionais desta atividade e a recepção dos materiais por este público. Os dados serão analisados com base nos autores dos Estudos Surdos. Como resultado estima-se trazer contribuições novas sobre essa atividade e reflexões interessantes para a formação de TILSP, área ainda muito nova.

Hipótese:

Nossa hipótese para o estudo é de que a falta de aderência e produção de materiais em Libras que gere interesse em crianças ouvintes, contribui para o enfraquecimento de uma política linguística e da política educacional inclusiva da língua de sinais o que invisibiliza mais as crianças surdas e as deixam mais à margem das políticas de inclusão. Isso porque esse modo indiretamente mantém as práticas de exclusão da população infantil surda nas variadas instâncias sociais. Essa reflexão importa para traçarmos as mudanças necessárias para a expansão de conhecimentos e de práticas inclusivas na escola e na sociedade. Todos esses pontos serão abordados e desenvolvidos ao longo da justificativa da pesquisa proposta.

Metodologia Proposta:

Essa pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que virá a compreender como o projeto, #CasaLibra, atua de forma pedagógica para crianças surdas e ouvintes. Será analisado como as crianças ouvintes, sujeito da pesquisa, receberão as 4 mídias selecionadas para a análise. Pretende-se levantar os pontos positivos e negativos dos materiais através da entrevista semi-estruturada. Serão selecionadas crianças de 8 a 11 anos, as quais, entraremos em contato após realizações de buscas através de redes sociais (grupos de pessoas interessadas na Libras) ou grupos de associações de surdos (filhos de pais que frequentam esses espaços). Adotando uma pesquisa de campo virtual, utilizando programa de interação on-line (Meet) para as crianças de ciclo e vivências diferentes com o contato da Libras:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.869.972

- 1° - Criança que seja filho(a) ouvinte com pais surdos.
- 2° - Criança ouvinte que tenha irmã(o) surdo.
- 3° - Aluno(a) ouvinte que frequente escola bilingue (Português/ Libras).

A pesquisa utilizará os produtos feitos pelo projeto #CasaLibras e que estão divulgados no canal do projeto para uso de forma gratuita. Todos os materiais são de uso livre e foram feitos pelo grupo de extensão da Universidade Federal de São Carlos. Selecionamos quatro (4) materiais contados por integrantes voluntários do projeto e que serão apresentados às crianças ouvintes participantes da pesquisa. Para além da recepção das crianças ouvintes também, por meio desses vídeos, analisaremos os desafios e estratégias tradutórias para a tradução voz realizadas pelos tradutores e a partir disso, verificar os pontos positivos e negativos acerca do material no que tange à tradução e a recepção do enunciado em Libras versado na Língua Portuguesa para as crianças ouvintes. E identificar quais as características destoantes de cada aceite. Tendo em vista os elementos complementares e a maneira de impacto deles, os desenhos, ao decorrer das histórias apresentadas. Nesta etapa da pesquisa iremos analisar as traduções de respectivos membros da equipe: 1º Duas tradutoras e intérpretes atuantes no projeto e que são funcionárias da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). 2º Duas alunas do curso de bacharelado em tradução e interpretação em libras/ língua portuguesa. Totalizando, teremos sete (7) participantes da pesquisa: três crianças ouvintes, dois TILSP profissionais da UFSCar que atuam no projeto #CasaLibras e dois alunos do curso TILSP que atuam como no projeto #CasaLibras.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Apresentar uma análise reflexiva sobre os desafios e ações desenvolvidas por tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)/ Língua Portuguesa (LP) na promoção de acessibilidade linguística às crianças ouvintes (filhas de surdos, com irmãos surdos e estudantes em escolas bilíngues Libras/LP) em mídias com atividades desenvolvidas pelo projeto de extensão nomeado #CasaLibras da UFSCar.

Objetivo Secundário:

Descrever historicamente o contexto de formação de tradutores e intérpretes de Libras favoráveis para a promoção de acessibilidade comunicativa

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 03 de 07



Libras/LP e mediação linguísticas ao público infantil ouvinte.

Desenvolver análise das estratégias específicas de tradução voz para atenção ao público ouvinte no par linguístico Libras/Língua Portuguesa.

Analisar as concepções dos tradutores e intérpretes de Libras acerca do trabalho tradutório ao público ouvinte no projeto #CasaLibras e as análises de crianças ouvintes que tiveram acesso às mídias em Libras com tradução à língua portuguesa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tanto crianças selecionadas, como os tradutores e intérpretes, bem como no ato do primeiro contato, na conversa inicial com os pais das crianças, todos poderão se sentir constrangidos, incomodados tanto com o fato de estar diante de uma tela para interação virtual, como podem se sentir mal por trazer aspectos de sua individualidade. Caso ocorra essa sensação de constrangimento e incomodo poderemos finalizar a entrevista, remarcar em dia oportuno, bem como o sujeito poderá em qualquer momento desistir da participação da pesquisa sem nenhum prejuízo aos colaboradores voluntários.

Benefícios:

A participação dos sujeitos poderão contribuir diretamente e de forma qualitativa para o avanço da formação e para atuações melhores de tradutores e intérpretes de Libras na promoção de acessibilidade voltada ao público estudado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº 510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 4.869.972

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 2ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar.

De acordo com a carta resposta e complementações realizadas nos documentos encaminhados na segunda versão, as solicitações foram consideradas não ocorrendo mais pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Considerando a situação sócio sanitária, bem como os planos de contingenciamento da pandemia da COVID-19 municipais e Estaduais; Considerando que as Portarias/Resoluções de Instituições Proponentes de pesquisa são constantemente atualizadas; Considerando o papel do sistema CEP/CONEP em garantir a segurança e proteção do participante da pesquisa por meio dos Protocolos submetidos na Plataforma Brasil; Considerando a corresponsabilidade do pesquisador pela integridade e bem-estar dos participantes da pesquisa;

Este CEP orienta aos pesquisadores o acompanhamento da situação sócio sanitária da região em que ocorrerá a pesquisa, bem como as determinações legais dos planos de contingenciamento do COVID-19 para determinação do início, suspensão ou continuidade de atividades de pesquisas presenciais, mesmo que o Protocolo já se encontre aprovado pelo CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 05 de 07



Continuação do Parecer: 4.869.972

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1747342.pdf	30/06/2021 13:13:44		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AJUSTE_TCLE_PAIS_RESPONSAVEIS.pdf	30/06/2021 13:12:51	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AJUSTE_TCLE_Profissional_TILS.pdf	30/06/2021 13:11:37	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AJUSTE_TCLE_Estudante_TILS.pdf	30/06/2021 13:10:05	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	AJUSTE_ASSENTIMENTO_Crianca_Ouvinte.pdf	30/06/2021 13:09:36	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
Outros	Carta_Resposta_Thayna.pdf	30/06/2021 13:06:48	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Thayna_Revisado_Vanessa_FINAL.pdf	30/06/2021 12:58:10	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
Cronograma	Cronograma_Ajustes_Parecer.pdf	30/06/2021 12:56:10	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	03/05/2021 18:31:12	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
Outros	apresentacao_pesquisa.pdf	03/05/2021 15:56:04	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_profissionais_e_alunos_tilsp.pdf	03/05/2021 15:54:38	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_conversa_pais.pdf	03/05/2021 15:53:32	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	assentimento_crianca_ouvinte.pdf	03/05/2021 15:52:15	Vanessa Regina de Oliveira Martins	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235**Bairro:** JARDIM GUANABARA**CEP:** 13.565-905**UF:** SP**Município:** SAO CARLOS**Telefone:** (16)3351-9685**E-mail:** cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 4.869.972

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 27 de Julho de 2021

Assinado por:
Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Página 07 de 07

ANEXO B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Proposta iniciais de perguntas para as crianças.

Orientações:

As análises de crianças ouvintes que tiveram acesso às mídias do projeto #CasaLibras em Libras com tradução à língua portuguesa. Por isso solicitamos que responda as perguntas abaixo:

- 1) Você já teve anteriormente contato aos vídeos produzidos pelo #CasaLibras? Se sim, como?
- 2) Esse modelo de contação de história já conhecia?
- 3) Teve alguma história que você achou mais interessante? Por quê?
- 4) Qual pontos não te agradaram muito?
- 5) Tiveram alguns elementos sonoros. Você gostou ou achou desnecessário?
- 6) A trilha foi algo que mudou sua percepção em alguma história?
- 7) Pelo seu nível de conhecimento das Libras você acha que o interprete usou termos e palavras de maneira correta?

ANEXO C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Proposta iniciais de perguntas para os TILSP e Graduandos do TLSP.

Orientações:

Analisar as concepções dos tradutores e intérpretes de Libras acerca do trabalho tradutório ao público ouvinte no projeto #CasaLibras. Por isso, solicitamos que responda as perguntas abaixo:

- 1) Você acha que as traduções foram realizadas de forma fiel a Libras?
- 2) Qual o maior desafio na tradução voz para crianças?
- 3) Por estar constantemente em um meio acadêmico qual é a dificuldade em traduzir para outro público?
- 4) Foi utilizado de quais matérias base para as adaptações? Teve a necessidade de alguém para ajudar nas gravações?
- 5) Encontrou barreiras? Quais?

ANEXO D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

CODA 1 –

Você já teve anteriormente contato aos vídeos produzidos pelo #CasaLibras? Se sim, como?

Resposta: Não

O irmão de três anos tenta interação e responde que conheço, porém quando pergunto o seu envolvimento, não consegue opinar, assim o irmão mais velho dizendo que não conhece.

Começo apresentando o projeto, o que acha do som, neste instante ele explica que conhece a associação dos surdos, questiono desde qual idade, porém só obtenho a resposta da criança mais nova que os pais deles são surdos e que ele gosta muito de um piano que toca músicas

Questiono novamente o contato dele na associação, enquanto procuro o vídeo

Resposta: ele frequenta a associação devido a mãe ser de cargo dentro da associação e que acha legal (mas não com muita empolgação) e vão para resolver questões burocráticas

Questiono se gosta de participar da associação?

Resposta: É legal lá

Neste momento irmão mais novo começa a tentar uma interação fora do meio na tentativa falar os nomes dos familiares e tentar participar da pesquisa.

Começo apresentando a história dos 3 porquinhos

A criança de 3 anos após o término da história grita “É incrível”, ambos têm um grande aceite da história aprovando “eu gostei”

[O pai deles chegou]

Perguntei se este tipo de história com vários elementos, com imagens, se ele conhecia?

A criança de 3 respondeu que:

Resposta: Sim

O mais velho respondeu:

Resposta: “já vi uma vez isso, só na escola, nunca mais vi”

Achou que a história foi fluida? ou se atentou mais a Libras? o que mais chamou atenção?

Resposta: O que mais chamou atenção foi a libras

O João Pedro, sabe contar bem a história?

Resposta: Sim “aham”

Teve algum ponto que não gostou da história?

Resposta: Não, foi perfeita

Que nota daria para a contação da história?

Resposta: 10/10

Expliquei que precisava comparar as histórias e apresentei a da Tatiane

O que você achou desta história da casa sonolenta?

Resposta: acho que as duas foram legal

Agora quero uma nota, o que não te agradou desta história?

A criança de 3 anos interfere, me questionando se ele pode tomar suco.

O mais velho não responde à pergunta pois explica que a mãe não deixa ele tomar o suco, pois deixou o suco cair duas vezes no chão. E depois volta para responder à pergunta.

Resposta: “eu achei essa daqui mais legal, porque está tudo em Libras” – **você gostou mais dos elementos ou com os desenhos?**

Resposta: “é mais o meu jeito da louca, do gato em cima do cachorro que tem a pulga que picou o rato que mordeu o gato que arranhou o cachorro e que o menino deu um surto na vó e quebrou a cama então foi meio bagunçado assim”

E você acha que o som foi, na hora que você esculta você começa a sentir sono junto com a música?

Resposta: “não, dá um pouquinho de sono ali, mas foi legal “

Você acha que ela contando a história de vagar foi legal ou acha que deveria ter contado mais rápido?

Resposta: “não foi bom até “

De 0a 10 qual nota você daria pra essa?

Resposta: “11”

Qual o ponto que achou mais legal?

Resposta: “a bagunça ali”

E nessa segunda história você prestou mais atenção os elementos, a Libras ou o contexto, você acha se não tivesse o som você conseguiria entender?

Resposta: “sim, pelas Libras sim, na verdade prestei a atenção no desenho e nas Libras, então em um todo ali”

Chegou a ter interação com a família, com o pai se apresentando neste ponto da entrevista e saindo para continuarmos a entrevista e partirmos para o último vídeo: O patinho surdo.

O que você achou desta história agora?

Resposta: “essa daqui também foi bem legal!”

E comparando qual você gostou mais?

Resposta: “A da pulga é a mais legal... essa eu vou dar um dez, também achei bem legal”

O que você achou da tradução?

Resposta: “escutei ... uma fazendo Libras e outra falando por cima”

Você tem contato com a Libras desde criança, se fosse para você contar a história você contaria a história igual foi contado?

Resposta: “sim seria mais legal por que o patinho é surdo e fazer ali um contexto também em Libras sabe, e também para as pessoas aprenderem Libras e entenderem a Libras”

E você tem contato desde os 3 anos com Libras?

Resposta: “não desde os oito que tenho contato”

Se fosse pra você contar qual das histórias você contaria, das três que apresentei para você?

Resposta: “A da pulga”

Te alguma que você não gostou da narrativa ou algum ponto?

Resposta: “não eu gostei de todas, todos foram bem legais”

Você percebeu que foram três pessoas que contaram as histórias diferentes das Libras ou você prestou mais atenção na fala deles?

Resposta: “Na verdade prestei mais atenção nas Libras e nas falas deles ... nos desenhos eu não liguei muito

Você acha que esse tipo de material se tivesse na escola seria legal?

Resposta: “Seria”

Você acha que seus amigos iriam juntos, como você acha?

Resposta: “Eu acho com meus amigos, sempre me pedem com fazem alguns sinais e tal acho que eles iriam gostar”

Se fosse para você contar você teria alguma história que você gosta muito qual seria?

Resposta: “Acho que a história do João e o pé de feijão “

O que mais te atrai nessa história do João e o pé de feijão?

Resposta: “O João morava com uma família muito pobre, ai ele morava em uma fazenda, ai ele foi com a vaca dele na cidade vender ela, ai um homem velhinho falou: - eu troco essa vaca por esses feijões mágicos. Ai ele trocou e plantou esse pé. do nada começou a crescer muito, ai quando ele subiu no pé, tinha um castelo lá que tinha uma galinha que botava ovos de ouro, ai ele pegou a galinha e fugiu de lá e ganhou uma galinha que botava ovo “

Após a contação dele em português disso que gostei muito e que poderia ser uma boa história a ser contada no projeto e finalizei.

E ele agradeceu a entrevista e achou muito legal

CODA 2

Qual das duas você gostou mais?

“eu gostei mais da história dos três porquinhos”

Agora entre as duas o que achou de diferentes?

“eu gosto mais das imagens porque são desenhos, e eu gosto de pintar e desenhar”

Então se for pra você contar a história dos três porquinhos você usaria as imagens?

“sim”

Tem alguma coisa que você não gostou da história?

“nada”

Das duas histórias você achou elas legais?

“sim”

Se fosse para você contar uma história, qual você contaria?

Qual é a história que você gosta?

“de Pokémon”

Qual que é a história que você gosta?

“De Pokémon!”

Você gosta de Pokémon? Que legal!

“Você conhecer o Pokémon?”

Claro que eu conheço aquelas bolinhas vermelhas com brancas, que eles jogam assim, ó, adoro Pokémon, Pokémon.

E aí você contaria usando as imagens do Pokémon para contar as histórias?

“É”

Você como você sabe Libras, você contaria na sua escola, as histórias de Pokémon e Libras?

“dentro da minha escola?” – interrompeu

você contaria para os seus amiguinhos histórias é do Pokémon usando desenho?

“Eu também tenho 2 desenhos, desenho. Eu fiz o primeiro desenho que eu fiz, que eu fiz,” (apresentando o desenho de um dos personagens do Pokémon e questionando em seguida)

Você conhece?”

Claro que eu conheço. Ele tem uma bolinha tão bonita. Aquela vermelha com branca, qual que é o nome dele? **Você lembra o nome dele?**

“Sim”

Qual que é esse?

“Bulbasaur”

Charmander você gosta dele também?

“Sim, eu tenho o Bulbasaur não terminei. (me apresenta os desenhos) Está porque foi hoje que ... imprimir hoje. Hoje eu vou terminar de pintar amanhã, porque eu vou viajar amanhã.”

Entendi. Nossa, tá linda Sua pintura, muito bonito. (retomo a pergunta)

E aí? Então você contaria as histórias do Bulbasaur na sua escola em Libras?

“Não, mas não tem a história Bulbasaur em Libras. Eu posso inventar alguma ou eu posso. Eu posso fazer um livro de papel e escrever as histórias.”

Isso mesmo. Nossa, que excelente ideia verdade. **E você acha que seus amiguinhos iam gostar dessas histórias de Pokémon? Você tem uns amiguinhos que gostam de Pokémon também?**

“Eu tenho 2 amigos que gostam de Pokémon.”

Que legal, aí sim imagina um monte de gente conhecendo um Pokémon. Ia ser legal, não ia não.?

“Eu tenho várias pessoas que gostam de Pokémon na minha sala e na minha escola que eu nem sei qual é o nome de todo mundo. O nome de todo mundo, mas tem algumas pessoas que eu não sei o nome.”

Não, entendi, mas o tema é muito legal, não é?

“É!”

Você acha que isso seria legal? Contar a história de Pokémon igual eu te mostrei essas histórias. Você acha que seria legal a gente apresentar esse tipo de história para o pessoal que é surdo? Às crianças que são surdas?

“Seria legal. Sim”

Que bom, aí sim, e você achou legal o jeito que a que foi contado as histórias para você?

“sim, mas eu posso contar só uma historinha para você?”

Pode, Claro,

A história do Bulbasaur ...espera um pouquinho, eu estou fazendo uma coisa rapidinho, tá?

Tá bom

“Era Uma Vez, um sapo bem azulzinho, ai, ele tinha um olho vermelho com branco e o outro também era vermelho com branco. Aí um dia ele cresceu. E criou unhas, três unhas em cada pata. Só três unhas em cada paca. Aí chegou um dia bem legal, que era um dia muito especial para ele. Sabe qual era? Era o dia da transformação dos sapos. Os sapos eles podem virar Pokémon também o dia de qualquer animal virar Pokémon. Aí, o sapo azul que tinha olhos vermelhos ele caiu um monte de folhas nele! Uma aqui na testa, uma que grande, outra pequenininha desse lado e outra média desse lado (apontando para os pontos da testa direta e depois esquerda) Ai depois ele pegou, tipo, uma planta tipo uma flor verde, que ainda não estava, que ainda não estava aberta. Aí ele pegou, colocou nas costas dele. Aí sabe o que aconteceu? O dia depois aconteceu uma coisa muito legal quando ele dormiu e acordou, aconteceu uma coisa muito, muito legal.

O que aconteceu agora estou curiosa! (interação com a criança)

“Ele virou um, o Bulbasaur”

Que legal! (interação com a criança)

“Pokémon, não todos os animais, eles viraram um Pokémon.”

E vai caber tudo na bolinha?

“Não sou um Pokémon em cada bola!”

Aí tudo virou agora os olhos ficaram vermelhos. Aí também ele aprendeu ao usarem os poderes deles.”

E qual era o poder dele?

O poder dele... é também de tipo estatua e tipo hipnótico.

Ele vai ajudar a sociedade que esse poder, como que vai ser?

“Ele vai salvar ele vai para trabalhar com os outros Pokémon vai evoluir um pouco, aí vai para um lugar onde tinha os mestres e eles procuram um Pokémon, eles pegam a pokébola certa e fica com Pokémon.”

Que legal! (interação com a criança)

(Apresenta o desenho com o começo de uma pintura) “Ficou desse jeito assim, mas o meu ainda não está todo pintado. Ele ficou desse jeito assim, ó... essas aqui têm até orelhinhas” muito bonitinha essas orelhinhas

“também olha a boca dele”. “olha eu vou apresentar pra você” “vou te mostrar mais de perto”

(após ele tirar o efeito da câmera me apresentou o desenho de forma mais aproximada e complementou) “está vendo como a história era bem curtinha”

Sim bem curtinha essa sua história

“você viu que isso pode acontecer de verdade – com empolgação – você sabia?”

Sério, que legal.

E qual que seria e como que você iria contar essa história em Libras para um amigo seu?

“Não sei.”

Você queria um sinal para o para o Bulbasaur?

“É eu ia dar sinal para todos os Pokémon, só pra algum Pokémon que eu conheço”.

Entendi que legal.

“E os Pokémon já. Oh, quando você fala Pokémon já tem o sinal” (ele responde após verificar com sua mãe que o acompanha durante a pesquisa)

Já tem e você conhece?

“Pokémon é assim, ó. (apresentando o sinal nas mãos)

Aí eu já inventei o sinal do Bulbasaur é assim, ó. O sinal do faz assim, sim, faixas. Ai, que legal por causa do negócio que fica aqui nas costas ne kunda dele.”

Aí, sim, então fica mais fácil de contar...então você vai ser futuramente um contador de histórias?

“Eu vou ser um contador de história de Pokémon!”

Que legal. Gostei então...e as 2 histórias que eu te apresentei, você contaria também?

“Não, gostei mais da do Bulbasaur e as outras vou inventar dos outros Pokémon.”

E você sabia que o Charmander é uma lagartixa?

É uma lagartixa? (interação com a criança)

Não ele era uma minhoca que pegou um coco. Aí depois virou uma lagartixa e depois eu não sei..., mas assim que eu for crescendo eu vou aprender isso na faculdade Pokémon...os Pokémon que vão me ensinar.

E você está lendo bastante? Você já aprendeu?

(a partir deste ponto ele já apresentava comportamentos de inquietação)” ó tia, não me tira da reunião que eu vou te mostrar uma coisa. Está aí também não sai da reunião que eu vou te mostrar uma coisa rapidinho, está bom, vou esperar uns 5 minutinhos?”

espero. (afirmando que continuaria)

“Mostrar o que é um colar que eu fiz.”

Há, foi você que fez?

“sozinho, sozinho, ele também abre, fecha. Cadê? Fez aquilo? E daqui é meu colar de poder. Ele me dá poderes, mágicos!”

Entendi que legal (interação de forma afirmativa)

“Ele me dá todos os poderes do mundo. Se eu ficar com ele para sempre.”

Ele te ajuda na escola?

Não, mas eu não levo ele para escola não, eu não tenho mais dia de brinquedo, causa da covid, eu vou pra escola, mas eu também faço algumas coisas e também não levo brinquedo.

E como está sendo a estudar em casa?

Não, eu vou para a escola. Eu também estou em casa de vez em quando eu só faço as tarefas de casa.

Entendi. Aí você vai na escola de máscara, você usa máscara, não é?

“aham”

E vai na escola aí você volta e faz a atividade que a tia manda pra fazer? e o que você mais gosta de matemática, então?

“Não, também de outras salas. Também gosto de inglês”

questiono novamente: **Você gosta de inglês? Que legal. E você, conhece alguma história em inglês legal que a tia conta ou você está aprendendo ainda? Começando algumas palavras?**

“ela ainda não conta a história inglês para mim, mas eu vou aprender inglês aí quando a gente aprender inglês. Aí que a gente vai ver. aí que a gente vai ler um livro em inglês. Eu também entendo um pouco de inglês, um, eu vou colocar até uma legenda inglês.

Qual que é mais fácil, o inglês ou a Libras?

O meu é inglês. Você acha mais fácil falar inglês do que falar em Libras?

“Sim.”

Mas você contaria história em Libras ou inglês?

“Eu acho que em Libras!”

Tchau, tia, posso sair da reunião?

Pode, pode sair. Sim, eu agradeço muito. Você gostou da nossa reunião?

“Sim!” (com empolgação pelo termino da reunião)

gostou e que é o que foi o ponto que você mais gostou? Que que você mais gostou? Qual? Qual foi o que você mais gostou das historinhas?

“Eu gostei deixa eu ver da casa, sonolenta”

você gostou porque que ela, o que que ela te chamou mais atenção? Assim que qual foi? “É de dormir, porque eu gosto de dormir também!” “tchau, fui.”

Finalizamos ele questionando se a entrevista tinha terminado.

Aluna 1

A primeira pergunta é, você acha que as traduções foram realizadas de forma fiel a Libras?

Sim. Sim. Todas as 4. Sim, para o meu conceito de fidelidade, sim. É o que eu penso quando você fala de fidelidade, é não ter deturpado o sentido. É o mesmo que não tenha falado *ipsis litteris* não é todos os sinais que a pessoa falou, mas o sentido é a mesmo, então, sim! Assim, nesse pensando eu concordo que é todos são fiéis!

Você está constantemente em meio acadêmico? Qual é a maior dificuldade em traduzir para o público de crianças que você acha?

Muito difícil, porque no meio acadêmico a gente se força a falar de uma forma formar e para a criança não é exatamente informal, que é para falar, é para falar mais simples, uma linguagem mais simples e que capte que seja atraente, então não é só a diferença de formalidade ou informalidade. Tem que ter um atrativo, que não é atrativo para adulto. Então, às vezes, fala uma informação que o adulto mesmo não usa de maneira formal, voltado para o acadêmico é difícil, a gente não fala assim, mas para a criança faz muita diferença, para manter a atenção dela.

Você acha que os 4 contemplaram essa? Essa parte dessa mudança do trazer da acadêmica, porque são pessoas que vieram do acadêmico para uma coisa realizada de forma voltada para o lúdico para essa parte pedagógica infantil. Você acha que os quatro consigam contemplar isso? Ou você acha que um ou outro falando da tradução voz mesmo?

Tá é, tem um especialmente que ainda está formal, ainda está acadêmico no meu mundo. Isso aqui é o do patinho surdo. É que foi a Vanessa que fez do patinho, então ela usa termos assim. Fala assim a mãe. A mãe disse, se não a mãe pata, não sei, não vou lembrar qual era o animal, “É a mãe pata sinalizando”, só que sinalizando a gente que é da área, sabe o que é, mas a criança não vai saber. “Então, a mamãe pata e o papai pata estavam uns é sinalizando.” De modo que não sei o que eu lembro que ela usou isso as falaram isso de modo, que isso a gente fala no texto, a gente não fala isso. Eu no meu dia a dia, não é costume e isso me chamou atenção! De modo que foi uma coisa que me chamou bastante atenção, mas outros, eu acho que estão mais são adequadas. Entre aspas, vamos falar assim, adequados, porque não é que não está adequado da Vanessa é que tenha essas marcas do acadêmico e os outros não tenham marcas assim tão explícitas!

Voltado para o nosso curso de tradução, interpretação em geral, estou falando tanto da nossa como de outras universidades, tudo mais você acha que teria que ter uma disciplina específica para ter esta adaptação? Ou você acha que a gente consegue ao longo do tempo desenvolver isso? Como que você coloca? Essa adaptação para o público infantil?

No nosso curso, na nossa grade, eu acho que podia ser trabalhado na disciplina de gêneros e acho que é do terceiro ano de gêneros. Quando eu fiz, eu fiz com o professor surdo, então a gente fez só voltada para as Libras, mas podia ter uma parte voltada para o português e aí eu acho que é ter uma. Não, não só assim, há uma disciplina para voltar para o público infantil, mas para voltar para você saber se flexibilizar de que ambiente que eu estou, quem é o meu público? Pro infantil, então é, posso ter esse caminho aí? O acadêmico é outro caminho... Tem essas ferramentas porque a gente fica muito cru, né? A gente acaba fazendo, como a gente fala no dia a dia, e aí às vezes não combina com aquele contexto.

Aqui foi utilizado de quais materiais bases para as adaptações, teve a necessidade de alguém para ajudar nas gravações. Sobre o momento de fazer a tradução voz. Você, como aluna do curso, você considera que os materiais que foram colocados tiveram embasamento teórico?

Teve uma parte que um estudo prévio, pelo que você conhece. Sim, eu não posso dizer pelos outros, mas o ruim é as traduções é que eu fiz que foram poucas, é se tinham sinal que eu não conhecia e eu perguntava no grupo, olha o que que significa a frase que eu tinha formulado não estava cabendo no tempo, então eu procurava uma outra colega, um outro, uma outra intérprete, outra tradutora, para perguntar, “como que você faria que o que que eu posso fazer de diferente para conseguir caber no tempo?” consultar os outros, porque para a gente achar soluções melhores as vezes a gente não consegue sozinho mesmo.

Então o que você encontrou alguma barreira tanto linguística como estrutural? Estrutural estou falando no sentido de estrutura mesmo. Por serem realizadas de forma remota. E é a gente ter uma pouca bagagem voltada para essa área que é do audiovisual. Você encontrou alguma barreira, algum meio de que interrompeu a sua narrativa ou coisas do tipo que influenciaram externamente? No momento da gravação acho que a questão técnica pega todo mundo. Não é? Por exemplo, eu tinha que gravar a noite porque eu moro num prédio. É muito barulhento, então é todo mundo resolveu fazer a obra na pandemia, né? Então, durante o dia tinha muito barulho. É o jardineiro que vai, liga a máquina de cortar grama. É ter um jardineiro do condomínio. E aí que trabalha todo dia, então aí ele liga a máquina é aí tem pedreiro no andar de cima, aí é o elevador que faz o barulho. Então aí de dia não conseguia fazer as gravações. E aí tinha que ser à noite e à noite em uma hora, assim que você já está cansado, você já trabalhou durante o dia. Eu trabalho à noite, então ia para o trabalho e ainda ia fazer isso. Então o rendimento já caía bastante, coisa que era para ser rápida de fazer, demorava muito mais por causa da cansaço do dia a dia mesmo. E aí, seu corpo era como se fosse uma barreira também na hora de fazer a tradução é, e uma barreira! Essa outra é de ter que usar um celular para gravar e às vezes não ficava legal, aí sei lá, tinha um ruído aí se fala: “mais de onde está vindo esse ruído aí?” Você não sabe porque ele está lá dentro. Não tem como se abrir, ver não, os equipamentos que foi pensado para isso? não. pensando assim: “Então vamos gravar com um fone do que veio no com o celular!”, não é também. Não tentava muita coisa, sim, então tinha essas limitações técnicas. Assim que ele foi geral. Não só comigo, não todo mundo passou por isso.

Você tem alguma sugestão de adaptação para os do para os próximos anos? E em relação ao nosso currículo e que você acha que da grade mesmo agora eu vou para a? Para a nossa área voltada junto com esse projeto, que que você incluiria na nossa grade? É agora falando como é estudante do curso me faz muita falta, é ter essa prática de voz. Eu tive o projeto casa livros, mas nas disciplinas mesmo, como a gente entra no curso sem saber Libras? Então um curso quer correr com em cima de Libras. E é opção, não tá errado isso, só que aí quando você vai trabalhar mesmo profissionalmente tem muitas, muitos

momentos que não é livre. As que você precisa ser precisa fazer é, é. A voz precisa fazer a tradução do português. A interpretação de português. E aí você não tem estratégias porque sei lá, estratégias que servem para Libras não necessariamente servem para o português por conta da diferença de modalidade, é o ambiente que você está. Contexto que você está. Às vezes você está num local pela primeira vez que não faz parte da sua rotina. Você não sabe como funciona aquele local que você vai descobrir na hora e aí, você não tem ferramentas, é de interpretação. Para as situações inéditas inesperados, é muito improvisado, muito improvisado, mas é assim também. Não culpo o curso, né? Porque? É a vida real é sem roteiro, né? não tem receita de bolo. Tem coisa que a gente tem que descobrir fazendo mesmo. Então é eu acho que podia equilibrar um pouco a Libras e o português nesse de interpretação, é. Continuar com o ensino de Libras com a ensino, disciplina focada, interpretação de Libras, mas, não esqueci do português, pelo menos. No meu ano, na minha turma, eu acho que ficou defasado assim, porque teve disciplina que eu tive de fazer. A interpretação para o português e sentia que faltava uma base, vende quando a minha consciência dessas lacunas que eu tenho. Eu não tenho tanta insegurança interpretar para Libras como eu tenho português, não é porque eu não sei, eu sei as duas línguas, mas eu sei que tem lacunas no português, eu tenho consciência que eu tenho lacunas e que elas se vão é ficar evidentes no momento da minha prática.

E você acha que tanto esses 4 que você viu como o restante do dos outros materiais produzidos é que futuramente pode? É que utilizar também meio acadêmico para a realização dessas atividades? Ou você acha que seria algo específico apenas para o público ouvinte ou o público surdo? Voltado para o ensino fundamental 12, como que você vê esses materiais de for de forma utilizada?

“Eu acho que pode ser utilizado no meio acadêmico, sim. Como a atividade a gente tem tantos cursos de licenciatura na universidade, tem tantos cursos de pedagogia, de tantas modalidades, é EAD e presencial, semipresencial, tem tanto curso de formação de professores e os professores têm que ter sua linguagem com crianças também. A realidade é que interprete começa na educacional, né, a gente acaba caindo numa educacional, então ter essa mesma linguagem que o professor tem, ter esse contato com criança, com material, é para a criança para é em material voltado para a educação infantil é ou para o público infantil, nada impede de estar dentro da dos currículos dos cursos de formação de professores e de todo mundo que tiver interesse.

Aluna 2

você acha que as traduções foram realizadas de forma fiel a Libras?

“Há nunca é, né? Sempre tem algo que não é ...tem que acabar analisando tudo, né? de uma de história.! Então acaba que não é totalmente fiel. Adaptar alguma coisa, principalmente pensando que a Libras e português. É! são línguas diferentes, então está em culturas diferentes, e por essas culturas ser diferente o público é diferente também, tem que pensar também, se para traduzir português. Então você tem que aproximar das crianças ouvintes, né? Que são as que acertem as histórias, né? Os adolescentes também quem corresponda no entendimento deles.”

Qual que você acha o maior desafio das traduções? Voz para as crianças no sentido a você está envolvido no meio acadêmico. Você acha com facilidade fazer essa tradução voz para criança?

Não é fácil, porque mexe muito com a incorporação e internação, mas simplesmente vamos pegar ali, produzir, falar. A história tem que incorporar, fazer da voz para os personagens, né? A voz mais grossa se foram, sei lá, buchudo, que você baixinho, uma voz mais calmas, foi o personagem mais fofinho, com a voz mais fofo. Tão assim tem que ter

essas coisas para chamar atenção da criança que se não tiver, não vai ter graça.! Se não vai ficar um negócio muito sério, quando se dá conta, está com uma criança, você vai ter que fazer essas graças.

E agora voltado para o nosso meio acadêmico, na nossa carga horária e tudo mais. Você acha que o nosso curso contempla todas a essa parte de adaptação para área infantil?

Acho que contempla muito pouco. Acho que precisa mais principalmente pensando no que você me perguntou, fazer essa tradução de um vídeo, se você errar, você pode gravar de novo. Ainda assim você precisa aprender como incorporar esses personagens é uma coisa que a gente não aprende sozinho, isso também tem muito da dessa parte do teatro, não é que não tem essa espontaneidade para poder conseguir fazer essas coisas naturalmente, mas ainda assim, a pessoa que faz natural estava tendo algumas falhas, né! Então acho que ele deveria ter mais isso na carga horária, principalmente a questão do teatral.

E você considera agora voltado para os 4 vídeos que você assistiu? Você considera que os 4 vídeos teve alguma falha ou foram totalmente coerentes? Coesos a história, ou você acha que algum dos intérpretes não conseguiu contemplar totalmente o vídeo de forma infantil?

Acho que os 4, acho que contemplam sim, assim é, eu já vi outras contação de histórias do #CasaLibras, onde eu achei que a voz não se encaixava muito com a história em si e também depois dos personagens. Mas essas escolhidas específicas eu acho que contempla sim dá pra ver quem fez teve um esforço de tentar. Essas pessoas adaptaram para o público infantil, né? Os barulhinhos para certas situações da história.

E com relação à Barreiras, você encontrou alguma Barreira assim? Na hora que você que você teve no #CasaLibras em relação à produção, você acha que teve barreiras para os tradutores intérpretes? Em que aspecto? E tanto na hora de fazer a produção das voz, se teve algum recurso que eles utilizaram que vocês utilizam, como que você acha?

A sempre tem uma alguma barreira, né? Os vídeos que eu acabei de fazendo uma das experiências que eu tive, eu tive que buscar esse repertório e depois fica as perguntas, (pergunta pessoal) -Aí você fez? Uhm, como fazer isso aqui, ficar mais próximo da criança? - Então essa primeira barreira é virar sozinho e achar estratégias tecnológicas que fazer desde qual microfone eu devo usar, que fone de ouvido que eu devo usar para não ter barulhos externos? como que eu vou fazer isso. E eu tenho que ir além. Só a minha voz é suficiente. Será que eu tenho que fazer algum barulho sonoro ou deixo o pessoal da produção colocar. - Acho que são as Barreiras em específico e questão de tradução, tem a Setilsp que apoia e faz o trabalho ficar uma coisa linda, tem uma equipe de intérpretes, você pode trocar figurinha aí com o seu colega. E pra melhorar a sua tradução ou qualquer coisa, qualquer um, acho que seria só isso que eu vejo assim de barreiras.

Entrevistada 1

Foram realizados de forma fiel para Libras?

A gente nunca. Faz de forma fiel, né? A gente tenta trazer um. O elemento principal, que aquele texto não é em indo visual produz, porém, alguns ajustes precisam ser feitos para que se adeque, né!

A língua portuguesa que fique é auditivamente bacana, né! Pensando se o público é criança. Mesmo a contação é sendo voltadas para a criança.

Teve elementos ali que precisou desse ajuste, né! Da língua portuguesa para ficar de modo sonoro, bacana para as crianças.

Entendi, e agora é colocando o seu o seu ponto de vista no seu trabalho. Qual foi o maior desafio desta parte da tradução de voz para criança? O que você achou?

Na verdade, assim, por conta da minha carreira anterior, não! Eu sou professora, comecei como professora de sala regular. Depois eu fui para a professora do atendimento educacional especializado. Então, o convívio com as crianças não é algo assim comum para mim, não é? Então, eu busquei nessas referências das experiências anteriores que já realizava a contação de história para criança. Só que, né! Somente do modo do é oral, então peguei esses elementos dessas experiências e trouxe. Os desafios é realmente encaixar um vocabulário bacana que seja educativo para criança e que respeite.

E agora comparando como você realizou duas é traduções, vozes de coisas. De histórias diferentes, a sua com a do sapatinho vermelho. Qual foi o desafio que você viu que uma teve? A outra não chegou a ter tanto ou uma deixou. Quais o são os elementos que você achou diferente?

A casa sonolenta, Ela foi meio que narrada, então ela tinha os fundos anterior a isso. Então tinha uma tradução, é piloto, vamos dizer então em áudio, é o que me auxiliou depois da contação a finais.

E aí eu também segui o livro. A história, mesmo porque ela é as histórias mais poéticas. Ela tem uma poesia, então eu quis trazer esse mesmo elemento do livro. Para tradução. Do sapatinho era uma contação realizada com uma pessoa surda. Não é que eu não a conheço pessoalmente, então somente para os produtos que ele mandou. Então, foi realmente assim obtive a questão dos sinais regionais é fazer algumas adequações, não é pensando no contexto, pensando no público. Então esse foi o maior desafio, então precisei é estudar mais. Fui à busca do livro em PDF, para ler história. De fazer parte é dela, na tradução. Eu acho que o maior desafio foi, com a outra história que já era utilizava bastante na escola, já tinha feito projetos, então é uma história que, para mim, ela é muito marcante também, então assim, e eu usei uma base de fundo, que foi os áudios anteriores, um piloto de tradução para fazer a primeira narrativa em língua de sinais. E depois afinar isso na tradução pouco.

Sim, e agora outra faz parte como você está constantemente utilizando o vocabulário na área acadêmica, quando você chega para esse público, como que foi essa questão, essa dificuldade para atingir de fato o público ouvinte criança?

Então essa dificuldade eu não encontrei. Então às vezes eu tenho que me policiar porque eu ainda trago muito marcante para a criança na área acadêmica. Ela em algumas interações. Que são mais expressivas para a educação fundamental, infantil é na área acadêmica. Então eu faço o inverso, então eu tenho que me policiar para isto na contação então não teve esse problema.

Que não tem jeito e tem alguma Barreira que você encontrou na hora de fazer? E se tiver, qual dela?

Olha a Barreira eu não encontrei, é a primeira a *casa sonolenta*, um clube, alguma produção que eu quis fazer para o canal, então aí o objetivo era outro mesmo, era fazer uma contação de história e era o começo do projeto, a gente no final desafiava três pessoas a fazer e tal, e eu queria muito que meus ex-alunos vissem. Essa produção, então, foi bem mais pensada nisso, nos meus alunos ex-alunos. E que hoje são adolescentes estão que estavam em isolamento social. Eu trabalho com aluno que ele tem é a paralisia cerebral, então ele é acamado. E se comunica pela língua de sinais. Então eu queria atingi-lo também. Então não encontrei esses desafios aí. Nem imitações, barreiras, não. Porque eu tinha foco, eu queria realizar e eu consegui. Na tradução voz da *história do sapatinho*. Eu acho que não foi barreira, mas como eu disse: desafios não é um surdo que eu não conhecia. Produzir uma sinalização

muito gostosa, assim ritmada, né? Com elementos é do livro. Ele trouxe a questão da visualidade na língua de sinais. Então, assim, casar mesmo. A tradução de voz com aquela sinalização que estava perfeita, e ao meu ver, e pensando que é um modelo linguístico para a criança surda, não é ele, sei lá, ver o de 10 a zero na minha produção, né? Então o desafio foi alinhar isso, né? Uma contação tão gostosa em língua de sinais que tinha que ter que fazer o mesmo efeito é na língua portuguesa, é auditiva, né? Só tinha que atingir as crianças, e também não ficava com aquele muito tom de criança. Também, não é porque a história trazia uma moral, não é? Então, trazer o que poderia ser público. É, vamos dizer infantil, mas já estava começando ali. Meio que na adolescência, por trazer uma moral e aí a gente tentou articular e para fazer a tradução. E vai no projeto. A gente trabalha em equipe, tem uma isso piloto. Passei para as amigas, aulas analisaram, olhar e falar: “eu acho que aqui você pegou demais na prosódia, tá muito infantilizada. Vamos tirar, é ou tal elemento, você não colocou aqui, você não colocou para os ódios, talvez se jogasse lá, ficaria bacana.” Inclusive elementos, porque tinha carruagem. A carruagem fazia um barulho, vai colocar isso? Não é esse elemento ou não. Não é porque na sinalização em alguns momentos tinham esses elementos, externos, ambientais, coloca, ou não coloca. Então é a partir também da dica, e da interação das colegas também eu fui alinhando para que fosse perfeitinha, então por isso que não é barreira, mas desafios não têm.

E quando, como você mesmo falou, vocês queriam a tradução em grupo. Agora, fazendo um comparativo entre as quatro traduções, ok, que uma vez realizada por você hoje eu fui a sua voz, mas essas outras 2, agora colocando as 4 como análise, é como que você identifica e a as traduções como você? É encontra, é a questão da tradução. Voz, você acha que foi a é todo trabalhador e trabalhadora iguais. Você acha que teve algumas adaptações? Se obtiver alguma das pessoas diferentes numa outra, como que foi essa conversa entre vocês, intérpretes?

É analisando todos uma a uma. Eu posso dizer assim, a Anne também é pedagoga na então também traz esses elementos dentro da tradução dela, atingindo Vanessa também. Entretanto, a Vanessa tá mais tempo na academia. A tradução dela, por mais que tenha o vocabulário infantil em alguns momentos você via um viés para um tom de voz, é mais direcional para um público adulto, nem tanto infantil, mas é isso. Não desqualificou a tradução do produto final. Eu acho assim, que o trabalho em equipe ele favorece isso, de você ver e ver de novo, ajustar, ver quais são as marcas que você vai utilizar. Então assim é, mas essa a relação que proporcionou tudo isso. São contação de histórias que atingiram as expectativas e até onde a gente tem retorno são histórias bem visitadas, tanto não é por profissionais da área de educação que estão levando esse material para a sala de aula, como também pessoas interessadas no canal, muitas pessoas ouvintes, muitas crianças ouvintes. Então eu acho que esse trabalho favoreceu e faz com que nessas produções continuem circulando.

Entrevistada 2

Você acha que as transições foram realizadas de forma fiel a Libras?

É quando você diz fiel, significa assim, não sei o que pensou?

Eu acho que eu quis dizer no sentido de. É tudo o que está nas Libras foram traduzidos para o português.

Sim, em termos de conteúdo, todas as a que a sinalização mostra aparece na voz. Algumas coisas de diferente eu vejo como estratégias. Acho que teve um vídeo, só que agora assistindo eu fiquei um pouco na dúvida.

E do conteúdo?

Nesse sentido assim, mas parece que houve uma troca a narrativa em Libras não ficou tão clara assim. Então acho que isso pode ter ocasionado ali uma confusão na hora da tradução, mas no geral das histórias que eu assisti agora de conteúdos, tudo foi sinalizado apareceu na voz de formas diferentes, cada tradutor utilizou uma estratégia diferente. Tem tradutor aqui, usou incorporação, é dos personagens na voz. Teve tradutora que fez a contação mais na terceira pessoa mais impessoal é teve as contação que era uma tradução inversa, porque era um texto a base, foi um texto em português e aí a tradutora fez para Libras. Então, ao que ela está dizendo na voz, não é uma tradução, é uma é o texto original. O então são materiais diferentes. Assim, em termos de que a história é passar, do que é de conteúdo da história foi transmitido na tradução e nessa que era o na versão contrária também.

Entendi, e uma delas foi feita por você, a tradução, você considera qual o maior desafio para está traduzindo para criança? Como você veio do meio acadêmico? Desafio para traduzir para crianças ouvintes é de um texto que é feito em outra língua, que é de outra modalidade?

eu acho que é tentar aproximar da criança a narrativa, assim, de uma forma que ela escute que seja de um jeito conhecido para ela, que ela já está acostumada. As crianças ouvintes já nascem e as pessoas contam histórias. Os pais contam histórias, ela, na escola conta história na televisão, vários meios. As crianças ouvintes têm acesso à contação de histórias. Então, quando a gente pega uma história que é produzida em outra língua, tem outra modalidade que tem outro tempo que tem outras características esse é o desafio, eu acho, para passar para o português e aí é pensar em estratégias para trazer a uma aproximação para a criança ouvinte. Quando eu vou fazer uma tradução para a criança, eu penso e gosto de trazer onomatopeia, trazer algumas pressões que às vezes não aparece nas Libras, não vai ter nas Libras porque não é próprio dessa língua, é próprio do português. Mas eu gosto de trazer, para justamente essa criança se identificar, sabe? E aí, quando ela está escutando, ela vai escutando e vai e vai se identificando com aquela história, vai entendendo, associando contra as histórias, o jeito de narrar então. Mas eu acho que esse é o desafio de pegar, transmitir um conteúdo de uma forma que seja bem familiar para a criança ouvinte. Está indo de uma língua que é de outra modalidade e que de repente não tem as mesmas. Que, aliás, não tem as mesmas características que a língua oral.

Você está constantemente em meio acadêmico. Qual a dificuldade de trazer de traduzir para esse público? a questão das estratégias qual é utilizado? As quais materiais como base de adaptação, teve a necessidade de alguma ajuda durante a gravação?

Ó, deixa eu complementar, então porque como eu trabalho na esfera acadêmica, não é comum com pessoas adultas, então quando é porque eu não falei a questão da linguagem, a linguagem, e também é uma adaptação que a gente tem que ter. Assim, tirando toda a entonação. Essas estratégias do momento da narrativa a linguagem é usar palavras mais simples. É também um desafio, porque às vezes acontecia de eu gravar, aí eu uso uma palavra, mas assim, do contexto acadêmico, e aí às vezes acaba ficando na tradução, tem umas traduções que quando eu assisto eu fico “ai essa palavra podia ter sido outra, podia ter sido uma mais simples.” Que a criança, qualquer criança, vai assistir vai entender, mas isso é um desafio. Não é que ainda a gente tem que sempre olhar para essas traduções e compartilhar com os colegas também. E aí, de repente, sugerir outros termos, outras palavras que sejam mais do universo das contas de histórias infantis e não palavra escrita no contexto da

universidade! Aí você chega com um material voltado para o público acadêmico você já tem aquela ideia do que você está falando é sempre algo mais formal, né! E aí, quando você vai para criança, é uma coisa mais lúdica, é diferente. Isso acontece muito, porque às vezes, quando eu estou traduzindo, quando eu vou gravar, eu assisto a história inúmeras vezes, penso no texto que eu vou falar, mas na hora de gravar aí vem aquela influência do contexto que eu atuo mais. Vem essa palavra que eu depois escuto, e penso; “ai não ficou muito legal, não!” “Não combina com criança, sabe, pode outra linguagem”,

Foi utilizado de quais materiais? Base para as adaptações e se teve a necessidade de ajuda de alguém durante as gravações. Se você trabalhou em parceria, como que foi?

Sim, materiais eu sempre uso. Eu particularmente uso e busco a história original para conhecer a história em português, saber se tem alguma característica que eu possa aproveitar da narração também. Outra coisa, contadoras de histórias profissionais, eu assisto também. Eu vejo como que elas contam que recursos que elas utilizam na linguagem, na voz, pra poder me apropriar na hora de fazer a minha tradução também. Isso ajuda a diminuir esse desafio da linguagem e também explorar os recursos de onomatopeia de interações para os dias e outros recursos. Então eu uso esses materiais assim. O texto original, o texto esse mesmo texto, o seu encontro, contado por contadoras profissionais, eu uso também. O trabalho em equipe também é importante, porque eu faço uma tradução, eu mando para a minha colega, ela me dá um feedback, a gente vai ajustando essa tradução. Nunca eu gravo assim uma tradução e mando direto na pasta. Eu mando às vezes a gente mandava pelo whats, né, gravava, manda pelo whats aí a colega sugere alguma coisa, olha, “troca essa palavra aqui enfatiza mais esse trecho é tenta trazer mais incorporação nessa parte”, e a gente vai conversando assim até chegar em um produto final que seja legal para as crianças.

Se você encontrou a é barreiras, quais foram elas? Na hora de fazer a tradução, você teve alguma barreira? Algum bloqueio? É, teve alguma dificuldade em grande quantidade pra essa daqui? Eu não consegui, eu precisei entrar com recurso. Como que foi se teve algum tipo de barreira assim ou foi tranquilo?

Barreiras técnicas, técnicas de gravar em casa teve barreiras, porque a gente começou a gravar os as traduções em casa e o local que eu morava era muito barulhento, então sempre eu tinha que gravar de madrugada, eu acho que essa foi uma barreira. Algumas traduções do começo o áudio também não ficou legal por conta disso, recursos próprios fones de ouvido que não são adequados para fazer esse tipo de gravação e outros ruídos, do ambiente ou um som com a qualidade ruim! Essa parte mais técnica, né? A outra parte é de tradução! Alguma barreira...deixa eu pensar ... Essa palavra Barreira, não sei..., mas eu estou pensando assim quando tentar lembrar dessa história não é quando eu vou gravar essa gravação repetidas vezes não é as vezes a gente erra, não é e volta grava...Corrige ou gagueja, às vezes acontece as gagueiras no meio.

Mas eu quero saber se teve alguns nuances, como que você faz o processo mesmo? Na hora de gravar?

Espera aí, teve uma coisa que eu pensei na hora que você perguntou aí. Que era dessa história. Alguma coisa assim, por exemplo, o tempo da contação em Libras e às vezes, para você encaixar o texto em português é um pouco difícil, porque ou as Libras são ditas muito rápidas em português, você precisa de uma frase longa e você tem que falar rápido e pensar alguma forma de falar de um jeito que não fique embolado, também a pessoa ouvir e entender o que está sendo dito. É nesse sentido a Libras também é? A pessoa repete, repete. O mesmo sinal, em português parece que não vai aí, você vai dando uma complementada para poder preencher o espaço e não ficar tanto tempo no silêncio.